



 **INSTITUTO DO
ENVELHECIMENTO**

Seniores de Lisboa: Capital Social e Qualidade de Vida

Manuel Villaverde Cabral

Pedro Alcântara da Silva

Mariana Ferreira de Almeida

Susana Cabaço

Estudo Preliminar

Dezembro de 2011

Índice

Introdução	6
Caracterização Social dos Seniores de Lisboa	15
Habitação e Bem-estar	18
Mobilidade e Transportes	22
Práticas e Temporalidades na Cidade	23
Qualidade de Vida na Cidade	27
Atributos políticos da população sénior lisboeta	38
Participação cívica e capital social	42
Relação entre qualidade de vida, participação cívica e capital social	56
Conclusão	58
Metodologia	70
Bibliografia citada	74

Este estudo utiliza a base de dados produzida no âmbito de um Protocolo do ICS com Câmara Municipal de Lisboa e o ISEG-UTL, cujo Relatório de Trabalho foi apresentado originalmente em 2009, sob o título: M. V. Cabral & L. Schmidt (coord.), J. Seixas, A. Baixinho e Ana Louro, *Qualidade de Vida e Governança na Cidade de Lisboa – Estudo Sobre as Bases para um Novo Modelo de Governança da Cidade de Lisboa*, ICS, Lisboa, cuja inspiração agradecemos aos Autores. O presente estudo preliminar integra-se, por seu turno, no Protocolo entre a CML, a Faculdade de Economia da UNL e o Instituto do Envelhecimento da Universidade de Lisboa para a aplicação do inquérito internacional SHARE aos seniores de Lisboa e para o apoio à implementação do Plano Gerontológico da Câmara na cidade de Lisboa.

Índice de quadros

Quadro 1: Género por escalões etários	15
Quadro 2: Escolaridade por escalões etários	15
Quadro 3: Situação profissional por escalões etários	16
Quadro 4: Classe social subjectiva por escalões etários	16
Quadro 5: Agregados com pessoas maiores de 65 anos	16
Quadro 6: Subdivisão territorial por escalões etários	17
Quadro 7: Situação contratual da casa onde habita por escalões etários	19
Quadro 8: Tempo de residência por escalões etários	20
Quadro 9: Antiguidade do edifício por escalões etários	20
Quadro 10: Estado de conservação da residência por escalões etários	20
Quadro 11: Satisfação com características da habitação por escalões etários	21
Quadro 12: Transportes utilizados nas deslocações quotidianas por escalões etários	22
Quadro 13: Local de fim-de-semana por escalões etários	23
Quadro 14: Casa de campo/ praia (casa para férias e/ou fins-de-semana) por escalões etários	23
Quadro 15: Roulotte e/ou tenda em parque de campismo (para férias e/ou fins-de-semana) por escalões etários	23
Quadro 16: Ocupação dos tempos livres por escalões etários	25
Quadro 17: Qualidade de vida na cidade de Lisboa por escalões etários (satisfação)	28
Quadro 18: Qualidade de vida na cidade de Lisboa – Satisfação: Análise Factorial (AFCP) – 50+	29
Quadro 19: Qualidade de vida na cidade de Lisboa por escalões etários (importância)	30
Quadro 20: Qualidade de vida na cidade de Lisboa – Importância: Análise Factorial (AFCP) - 50+	31
Quadro 21: Características da cidade de Lisboa por escalões etários	33
Quadro 22: Qualidade de vida no bairro/zona onde mora por escalões etários	34
Quadro 23: Qualidade de vida no bairro/zona onde mora: Análise Factorial (AFCP) 50+	35

Quadro 24: Índice de qualidade de vida no bairro/zona onde mora por escalões etários	35
Quadro 25: Avaliação presente da qualidade de vida no bairro/zona onde mora e na cidade de Lisboa por escalões etários	36
Quadro 26: Evolução da qualidade de vida no bairro/zona onde mora e na cidade de Lisboa por escalões etários	36
Quadro 27: Identificação com o bairro/zona onde mora e com a cidade de Lisboa por escalões etários	37
Quadro 28: Confiança Interpessoal por escalões etários	38
Quadro 29: Socialização política por escalões etários	39
Quadro 30: Mobilização cognitiva por escalões etários	39
Quadro 31: Influência e Compreensão política por escalões etários	40
Quadro 32: Iniciativa e Expectativa Política (responsiveness) por escalões etários	40
Quadro 33: Iniciativa e êxito esperado de reivindicação no âmbito da Câmara Municipal por escalões etários	41
Quadro 34: Exposição aos media informativos por escalões etários	41
Quadro 35: Participação em associações por escalões etários	43
Quadro 36: Participação em 10 tipos de organizações/associações por escalões etários	44
Quadro 37: Índice de associativismo por escalões etários	44
Quadro 38: Preditores do associativismo – incluindo qualidade de vida (50+)	45
Quadro 39: Formas de auto-mobilização cívica e social por escalões etários	46
Quadro 40: Envolvimento em (11) formas de auto-mobilização cívica e social por escalões etários	47
Quadro 41: Índice de auto-mobilização por escalões etários	47
Quadro 42: Preditores da auto-mobilização – incluindo qualidade de vida (50 +)	49
Quadro 43: Informação sobre iniciativas da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal por escalões etários (médias)	50
Quadro 44: Informação sobre iniciativas da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal por escalões etários (frequências)	50
Quadro 45: Participação em sessões/assembleias públicas da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal por escalões etários (médias)	51
Quadro 46: Participação em sessões/assembleias públicas da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal por escalões etários (frequências)	51

Quadro 47: Discussão de assuntos e participação em iniciativas no bairro por escalões etários (médias)	52
Quadro 48: Discussão de assuntos e participação em iniciativas no bairro por escalões etários (frequências)	52
Quadro 49: Índice de activismo urbano por escalões etários	53
Quadro 50: Preditores do activismo urbano (áreas de residência e qualidade de vida incluídas) (50 +)	54
Quadro 51: Preditores do voto (eleições Legislativas e Autárquicas) – incluindo qualidade de vida (50 +)	55
Quadro 52: Preditores da avaliação da qualidade de vida (áreas de residência incluídas) (50 +).	57

■■■ *Introdução*

O envelhecimento da população¹ é, como vem sendo repetido, um dos grandes desafios sociais e económicos deste século. Salienta um recente relatório das Nações Unidas (UN, 2010) que este é um fenómeno:

- sem precedentes, na história da humanidade;
- universal, afectando a maioria dos países do mundo, com excepção do Continente africano;
- profundo, com consequências em todas as esferas da vida humana;
- duradouro, com um aumento gradual consistente na proporção mundial de pessoas idosas a verificar-se há já várias décadas e a manter-se, previsivelmente, enquanto a longevidade continuar a aumentar e a fertilidade permanecer baixa.

Tendo esta alteração demográfica contornos e ritmos distintos em diferentes regiões, é nos países mais desenvolvidos e, nomeadamente, na Europa, que as pessoas de 65 e mais anos representam actualmente uma proporção mais elevada da população. O *ranking* de países mais envelhecidos do mundo é liderado pelo Japão (22,6% habitantes com 65+ anos), ocupando Portugal, com 17,9% de idosos, o 6º lugar nesse mesmo ano de 2010 (Population Reference Bureau, 2010). Também dentro do território nacional se observam variações significativas na estrutura etária e evolução demográfica. A região de Lisboa e Vale de Tejo é uma das menos envelhecidas de Portugal: no Continente, só o Norte tem percentagem inferior aos 18,0% de pessoas de 65+ anos aqui residentes, em 2010 (INE, 2011)². De acordo com o cenário mais provável, em projecções divulgadas pelo INE, Lisboa e Vale do Tejo poderá mesmo vir a ser a região mais jovem do país em 2050: com 209 idosos por cada 100 jovens, teria um índice de envelhecimento inclusive inferior ao das Regiões autónomas (INE, 2004).³ Em contraste com este contexto regional, a cidade de Lisboa era no entanto a capital europeia com maior proporção de idosos de entre as estudadas no âmbito do Urban

¹ O envelhecimento da população é “o processo em que as pessoas mais velhas correspondem a uma parte proporcionalmente maior da população total” (UN, 2010, p. 1), afectando assim a estrutura etária da população com transferência do peso relativo da população dos grupos mais jovens para os mais idosos. A nível mundial, a expectativa é que o número de idosos ultrapasse o de crianças em 2045 – situação que, porém, já aconteceu nas regiões mais desenvolvidas em 1998 (UN, 2010). Assinale-se que, a nível global se tende a considerar idosa a população com 60 e mais anos, sendo porém o limiar de 65 anos mais habitualmente usado com referência aos países desenvolvidos e também adoptado no presente relatório.

² Indicador de População residente por local de residência, sexo e grupo etário, actualizado em 07-06-2011.

³ Destaque 31-03-2004.

Audit em 2003-2006 (Eurostat, 2010)⁴; em 2010, quase 1 em cada 4 habitantes (24,2%; N=113651) tinha 65 ou mais anos (INE, 2011)⁵.

Preparar e adaptar as sociedades para responder às mudanças que tais alterações populacionais implicam – no quadro simultâneo de outras marcantes transformações em curso, como a urbanização, as alterações climáticas, etc. – exige abordagens abrangentes, multidimensionais, fazendo apelo a entendimentos multidisciplinares e intervenções intersectoriais integradas. Muito para lá do desenvolvimento de medidas específicas que respondam às necessidades e expectativas particulares da população mais velha, está em causa integrar uma óptica que atenda às implicações do envelhecimento nas mais diversas políticas públicas e áreas de organização social.

Propostas integradas

Isso mesmo reflecte, por exemplo, o **Plano de Acção Internacional de Madrid sobre o Envelhecimento**, adoptado pela ONU na II Assembleia Mundial do Envelhecimento (UN, 2002), cujas recomendações se enquadram em três grandes prioridades relativas ao Desenvolvimento, à Saúde e Bem-estar, e a Ambientes favoráveis. As dezenas de objectivos e mais de uma centena de linhas de actuação recomendadas neste plano contemplam um amplo leque de temas, como o empoderamento (*empowerment*) e a participação activa das pessoas idosas na sociedade; a segurança económica; o acesso a serviços; ou as condições de habitação e o contexto de vida, entre muitos outros. Visando “assegurar que todas as pessoas podem envelhecer com segurança e dignidade, continuando a participar nas suas sociedades como cidadãos com plenos direitos”, esta resolução das Nações Unidas faz assim apelo a “mudanças nas atitudes, políticas e práticas a todos os níveis e em todos os sectores, para que se possa concretizar o enorme potencial do envelhecimento no século XXI” (UN, 2002, §10). De facto, e apesar de, pelo menos nas sociedades democráticas, estarem instituídos direitos fundamentais (incluindo até alguns específicos às pessoas idosas⁶), coloca-se ainda o problema da sua plena aplicação e exercício – observando-se, nomeadamente em Portugal, défices para este grupo da população, inclusive ao nível da participação cívica, com os idosos a exercerem menos os direitos que lhe são conferidos do que o resto da população (Cabral, 2000).

⁴Indicadores urb_vCity, actualizados em 27-09-2010.

⁵Indicador de População Residente, actualizado em 07-06-2011.

⁶ Por exemplo, artigo 72º da Constituição da República Portuguesa - Sétima revisão constitucional, ou artigo 25º da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia (2010/C 83/02).

Por sua vez, a Organização Mundial de Saúde (OMS) tem vindo a promover o conceito de *Envelhecimento Activo*, lançado no Ano Internacional das Pessoas Idosas, em 1999, e depois reforçado como enquadramento global para políticas multi-sectoriais e para a investigação sobre envelhecimento, no quadro dos contributos para a mesma Assembleia Mundial da ONU. Ainda que este termo seja com frequência empregue com acepções bem mais restritas (prolongamento da vida activa e adiamento da idade da reforma), a proposta original da OMS assenta também ela num entendimento abrangente, em que envelhecimento activo é definido como “o processo de optimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objectivo de maximizar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (tradução de WHO, 2002, p.12)⁷.

Esta abordagem, nos seus três pilares de actuação - participação, saúde e segurança -, tem subjacente uma perspectiva de direitos e de valorização dos Princípios das Nações Unidas relativos às pessoas idosas: independência, participação, cuidados, auto-realização e dignidade (UN, 1991). Por outro lado, chama a atenção para o facto de serem múltiplas as influências sobre a forma como os indivíduos e as populações envelhecem, implicando a necessidade de atender a factores pessoais e comportamentais, mas também a características do ambiente físico e social, bem como a determinantes económicos, a factores relativos aos sistemas de saúde e serviços sociais, bem como às dimensões transversais da cultura e do género.

Mais recentemente, o projecto “*Healthy Ageing*” ilustra igualmente, no quadro europeu, uma abordagem multidimensional e holística do tema (Healthy Ageing, 2007). Aqui, elegeram-se como tópicos de especial interesse para a promoção de um *Envelhecimento Saudável*: a reforma e a pré-reforma; o capital social; a saúde mental; o ambiente; a nutrição; a actividade física; a prevenção de lesões; o tabaco e o álcool; a medicação e os problemas associados; os serviços de saúde preventivos. Destacam-se ainda como importantes questões transversais os determinantes socioeconómicos, género, minorias e desigualdades em saúde. Enquanto exemplo de referencial operacionalizado a nível **nacional**, podem-se mencionar as dimensões de um «Perfil de Saúde 65+» traçado como suporte para a formulação de políticas promotoras de saúde da população idosa (Almeida, 2009).

⁷ Para uma discussão mais desenvolvida deste e de outros conceitos e abordagens do envelhecimento - “activo”, “saudável”, “bem sucedido”, etc. - ver por exemplo, em português M. Almeida (2007), A. Fonseca (2005) ou R. Novo (2003).

Aqui, a caracterização e a monitorização do estado de saúde, bem-estar e qualidade de vida dos portugueses de 65 e mais anos são enquadradas e complementadas pela análise de um amplo conjunto de factores que os determinam. São analisados indicadores relativos a características e comportamentos individuais, mas também a aspectos do ambiente físico (habitação; zona de residência; transportes; tecnologia); do ambiente social (redes e apoio social; abuso e (in)segurança; integração, capital social e participação); dos determinantes socioeconómicos e ainda do *empowerment*. Lugar de destaque é dado, nesta proposta, às potenciais desigualdades sociais subjacentes. Tal implica a necessidade de olhar para além dos valores médios nos resultados e determinantes da saúde da população, procedendo a uma análise sistemática da sua distribuição e das eventuais diferenças entre grupos sociais, quer quanto aos níveis de saúde e bem-estar de que gozam, quer quanto ao acesso a factores de oportunidade e à exposição a factores de vulnerabilidade.

O contexto local

Estas várias abordagens remetem para uma compreensão do fenómeno e uma intervenção “ecológicas”, contemplando múltiplos níveis interdependentes: global, nacional, regional e local. No entanto, este último plano do contexto de vida mais imediato – à escala da cidade e até do bairro – apresenta-se como especialmente rico, quer em termos de observação e análise das influências interligadas de muitos dos factores relevantes, quer em termos de oportunidades de intervenção integrada e, muito particularmente, participada pelas próprias pessoas idosas.

O projecto global das **Cidades Amigas das Pessoas Idosas**, promovido pela OMS, assenta precisamente nesse reconhecimento de que “as características de uma cidade reflectem os determinantes do envelhecimento activo de muitas formas interligadas” (OMS, 2009, p. 72), contribuindo para otimizar a saúde, a segurança e a participação das pessoas mais velhas. Partindo de uma selecção de temas baseada em investigação científica e realizando grupos de discussão com a participação de pessoas idosas em 33 cidades de



Figura1 –Áreas a considerar numa Cidade Amiga do Idoso
(Fonte: OMS, 2009, p. 9)

cinco continentes, em 2006-2007, esta iniciativa conduziu à elaboração de um Guia e de “listas de verificação” (*checklists*), que oferecem indicações acerca das características recomendáveis quanto ao meio envolvente, estruturas, serviços e políticas de uma cidade⁸.

Essas indicações organizam-se, concretamente, em torno de oito áreas: (1) espaços exteriores e edifícios; (2) transportes; (3) habitação; (4) participação social; (5) respeito e inclusão social; (6) participação cívica e emprego; (7) comunicação e informação; (8) apoio comunitário e serviços de saúde (ver Figura 1). A avaliação dos recursos e barreiras existentes nestas dimensões, em cada cidade, poderá ser o ponto de partida para guiar uma intervenção promotora de um “meio urbano acessível e inclusivo”, adaptado às necessidades, preferências, recursos e contributos das pessoas mais velhas. Está em causa, sublinha-se por outro lado, a ideia de “projectar para a diversidade”, como base fundamental para promover a maximização das capacidades, numa perspectiva de ciclo de vida (*id.*, p. 72). Assim, o ambiente deverá ser planeado e/ou adaptado tendo em vista pessoas com características distintas, ao invés da pessoa média. Com efeito, se isso é essencial para permitir o funcionamento de idosos que, de outra forma, se tornariam dependentes, é também a chave para uma inclusão mais alargada, criando cidades “amigas de todas as idades” (*id.*).

A importância que a OMS atribui ao papel dos ambientes de vida, com destaque para o contexto urbano, relativamente às questões do envelhecimento, reflecte-se na afirmação de que “tornar as cidades ‘amigas dos idosos’ é uma das abordagens mais eficazes para responder ao envelhecimento demográfico” (www.who.int/ageing/age_friendly_cities, consultado em 04/01/2011), mas também na atenção que já vinha sendo dada anteriormente ao tema, no âmbito de uma outra iniciativa: o movimento das **Cidades Saudáveis**. Iniciado em 1986 e abrangendo actualmente milhares de cidades em todo o mundo⁹, o movimento envolve as autarquias num processo sistemático de planeamento e formulação de políticas que visa proteger e promover a saúde e bem-estar dos cidadãos, dando prioridade à equidade em saúde em todas as políticas locais. A Rede Europeia de Cidades Saudáveis da OMS, que tem definido temas prioritários de trabalho por períodos de cinco anos, destacou o “envelhecimento saudável” como um

⁸ Exemplo de aplicação recente em Portugal deste instrumento é o projecto CIDADES, promovido pela Associação VIDA e co-financiado pela Direcção Geral da Saúde e pela Fundação Calouste Gulbenkian, o qual contou com a adesão de inúmeros concelhos do país (<http://projectotio.net/>).

⁹ A nível nacional refira-se a existência da Rede Portuguesa de Cidades Saudáveis, que integra actualmente 29 municípios, incluindo o de Lisboa (www.redecidadessaudaveis.com, consulta em 14/11/2011), e promove a articulação com o Projecto das Cidades Saudáveis da OMS na Europa.

dos compromissos centrais na Fase IV de implementação da rede (2003-2008)¹⁰, procurando deste modo “gerar um forte compromisso político local e introduzir políticas e processos de planeamento que assegurem uma abordagem holística e equilibrada do desenvolvimento da saúde e necessidade de cuidados das pessoas idosas (<http://www.euro.who.int>¹¹).

Também no contexto português as questões do envelhecimento e velhice em meio urbano, concretamente na cidade de Lisboa, têm sido objecto de atenção específica, sendo de evocar a pesquisa de Machado (2004), da qual resultou uma proposta de cinco “eixos temáticos a privilegiar num programa interdisciplinar de investigação-acção sobre envelhecimento populacional e sustentabilidade sócio-urbana”. São eles: (1) sociabilidades e acção social; (2) seguranças(s); (3) mobilidade e acessibilidade; (4) habitabilidade; (5) ordenamento e planeamento urbanos.

Conhecer para agir

Condição prévia à intervenção é a caracterização das comunidades locais. Se no âmbito do projecto Cidades Amigas das Pessoas Idosas, a proposta é uma avaliação qualitativa, baseada nas referidas “Listas de Verificação”, já no âmbito da sub-rede europeia do movimento Cidades Saudáveis da OMS ligada ao envelhecimento, foram produzidas orientações para o desenvolvimento de **perfis locais de envelhecimento saudável** a partir de um conjunto de indicadores quantitativos e qualitativos (Kanström *et al.*, 2008). Visando complementar os perfis genéricos de saúde que são a base de trabalho na iniciativa Cidades Saudáveis, esta proposta distingue-se da perspectiva de “défice”, com o ênfase na doença e dependência que tende frequentemente a marcar as abordagens deste tema, adoptando antes um modelo positivo e dinâmico, baseado no conceito de envelhecimento saudável. Abarca assim “a vida tal como a morte, a saúde tal como a doença e inclui os determinantes mais amplos da saúde e do bem-estar que vão além da esfera dos tradicionais serviços sociais e de saúde” (idem, p. viii).

Concretamente, os 22 indicadores-base propostos focam as dimensões mais habituais de “Perfil populacional” (demografia, mortalidade, morbilidade) e “Acesso a serviços de saúde e apoio social”, mas traçam também um “Retrato socioeconómico:

¹⁰ WHO European Healthy Cities Subnetwork on Healthy Ageing (2003-2008).

¹¹<http://www.euro.who.int/en/what-we-do/health-topics/environmental-health/urban-health/activities/healthy-cities/who-european-healthy-cities-network/phases-iv-of-the-who-european-healthy-cities-network/phase-iv>, consultado em 04/01/2011.

vulnerabilidades e recursos”, que remete para determinantes da saúde e uma abordagem de “curso de vida”, organizando-se em torno de três tópicos: (1) emprego, rendimento e posição social; (2) habitação e ambiente/contexto; (3) participação e *empowerment*.

Esse conjunto de indicadores foi seleccionado com base em critérios de ordem científica e pragmática, a partir de uma lista inicial mais ampla e da análise da sua aplicação concreta feita em dez cidades europeias. É genericamente considerado pelos autores de fácil recolha, proporcionando uma caracterização das pessoas idosas útil como “*baseline*” e prelúdio para políticas e programas de promoção da saúde e qualidade de vida, servindo posteriormente para monitorizar e avaliar o progresso, bem como detectar tendências ou comparar cidades.

O **presente estudo preliminar** é assim um contributo para a análise de um conjunto de dimensões que tem sido apontado como pertinente, quer para a apreciação do actual nível de bem-estar da população mais velha residente na cidade de Lisboa, quer para a caracterização de factores com provável influência relevante no grau conseguido de “concretização do pleno potencial” deste grupo da população – e que são, por sua vez, áreas de eventual intervenção a visar por políticas e medidas de âmbito local. Os dados aqui apresentados resultam de um estudo patrocinado pela Câmara Municipal, realizado em 2009, sobre a qualidade de vida e a governança na cidade de Lisboa, em estreita colaboração com os colegas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Luísa Schmidt e João Seixas.

O estudo baseia-se, pois, no questionário conduzido junto de uma amostra constituída por 1504 indivíduos, representativa dos residentes do Concelho de Lisboa com 15 ou mais anos, estratificada por seis áreas distintas da cidade: Zona Histórica Oriental, Zona Histórica Ocidental, Centro Terciarizado, Sudoeste, Nordeste e Noroeste. O questionário incluía duas dimensões de análise fundamentais: (1) “Qualidade de Vida” e (2) “Exercício da Cidadania” (Cabral & Schmidt, 2009). A primeira dimensão reunia indicadores de conforto e bem-estar; mobilidade residencial; transportes; práticas, lazeres e temporalidades na cidade; importância e satisfação com a qualidade de vida no bairro e na cidade; identificação com o bairro e a cidade; e opinião global sobre a qualidade de vida no bairro e na cidade. Quanto à segunda dimensão, englobava indicadores destinados a medir a pertença a associações, as modalidades de auto-

mobilização cívica e o activismo urbano, bem como algumas sociabilidades cidadinas e reclamações públicas dos residentes na cidade de Lisboa. O questionário continha ainda uma importante bateria de variáveis de caracterização sócio-demográfica.

A análise que aqui se apresenta incide assim, em particular, sobre os inquiridos seniores, isto é, com idade igual ou superior a 50 anos¹² em algumas dimensões-chave, por contraste com a população de idade inferior a 50 anos. Começamos por uma breve caracterização social destes seniores de Lisboa e por analisar os indicadores relativos às condições de habitabilidade e bem-estar, bem como de mobilidade e transportes. Seguidamente, são analisadas as práticas e temporalidades na cidade deste segmento da população de Lisboa, assim como a qualidade de vida percebida. Por fim, são estudadas as diferentes modalidades de envolvimento dos seniores de Lisboa no espaço público e na vida cívica do bairro, da cidade e do país em geral, de forma a obter uma medida do capital social que ela possui, recuperando para efeitos comparativos o modelo e uma parte dos indicadores já utilizados para estudar o mesmo fenómeno à escala da Área Metropolitana de Lisboa, em contraste com o resto do país, em 2004 (Cabral, 2008a).

O interesse da investigação na área do envelhecimento pelas actividades socialmente produtivas dos idosos tem vindo a aumentar. Estas actividades vão desde o prolongamento da vida activa (trabalho remunerado) até ao voluntariado organizado e outras formas de participação social na vida pública (Kohli, Hank et al. 2009). A conceptualização deste tipo de enfoque analítico tem mudado ao longo do tempo, como refere Kohli (2009):

Originally, the emphasis was on activities as such: first on the roles still available to elders, and later on the properties of the social fields in which they participated. In recent years, there has been a shift ‘away from conceptualizations of social integration that focus on roles and activities [...] toward more network-oriented treatments’ and the discussion of social capital (ver Pichler & Wallace, 2007; Cornwell, Laumann et al., 2008).

O mesmo autor chama a atenção para o facto de a actividade, a rede e o capital social serem quase sempre tratados separadamente do ponto de vista analítico, considerando que isso não é o mais apropriado quando se pretendem analisar “os modos

¹² Este sub-conjunto amostral de inquiridos com idade igual ou superior a 50 anos corresponde a 203976 habitantes em 2009 (Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente).

de permanecer socialmente conectado nos últimos estádios do curso de vida”. Ao invés, devem-se articular as três abordagens, na medida em que:

The category of ‘activity’ takes up the opportunities and demands for individuals to be socially productive, while the category of ‘network’ focuses on the social relationships which come with such opportunities and demands. The category of ‘social capital’ highlights the profit or dividend which individuals can draw from activities and networks (Kohli, Hank et al. 2009); ver também (Gray, 2009).

Em termos gerais, o capital social refere-se assim à forma como os indivíduos participam na sociedade e às ligações e vínculos sociais que desenvolvem (Pichler & Wallace, 2007), tendo em conta o contexto social e cultural em que se inserem (Delhey & Newton, 2005). Num sentido mais amplo, o capital social é um bem público, que se desdobra em diversos tipos e é gerado por uma multiplicidade de modalidades de envolvimento e mobilização (Cabral, 2008b), pode constituir também uma medida de integração e coesão social (Pichler & Wallace, 2007).

■■■ *Caracterização Social dos Seniores de Lisboa*

Antes da análise concreta dos indicadores relativos à qualidade de vida e ao capital social dos seniores na cidade de Lisboa, é apresentada uma breve caracterização social dos inquiridos, a fim de enquadrar este grupo etário (50+) na globalidade da população. Como se observa no quadro a seguir, cerca de metade dos lisboetas inquiridos tem idade igual ou superior a 50 anos (50,4%). Deste grupo etário, 54,1% são mulheres e 45,2% são homens. Os inquiridos com mais de 65 anos, a esmagadora maioria dos quais está já reformada, são marcadamente os menos escolarizados e de mais baixo estatuto socioeconómico: mais de metade deles não ultrapassaram a instrução primária e um pouco menos consideram pertencer à classe baixa ou média baixa.

Quadro 1: Género por escalões etários.

$p=0,007 \leq 0,05$	Masculino		Feminino		Total	
	n	%	n	%	n	%
≤ 49 anos	344	54,8	396	45,9	740	49,6
De 50 a 64 anos	145	23,1	227	26,3	372	24,9
De 65 a 74 anos	75	11,9	133	15,4	208	14,0
≥ 75 anos	64	10,2	107	12,4	171	11,5
Total	628	100,0	863	100,0	1491	100,0

Quadro 2: Escolaridade por escalões etários.

$p=0,000 \leq 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Nenhum ou 1º ciclo completo	38	5,2	83	23,0	106	52,0	88	53,3	315	21,5
3º ciclo ou Secundário incompleto	151	20,6	74	20,5	39	19,1	33	20,0	297	20,3
Secundário completo ou Superior incompleto	212	28,9	62	17,2	31	15,2	24	14,5	329	22,5
Superior completo	332	45,3	142	39,3	28	13,7	20	12,1	522	35,7
Total	733	100,0	361	100,0	204	100,0	165	100,0	1463	100,0

Quadro 3: Situação profissional por escalões etários.

$p=0,000 \leq 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Empregado a tempo inteiro	415	55,9	170	45,6	12	5,8	4	2,3	601	40,2
Empregado a tempo parcial	59	8,0	16	4,3	1	0,5	0	0,0	76	5,1
Desempregado	70	9,4	28	7,5	1	0,5	1	0,6	100	6,7
Estudante	111	15,0	1	0,3	0	0,0	0	0,0	112	7,5
Reformado, pré-reformado e inválido	2	0,3	106	28,4	167	80,3	149	87,1	424	28,4
Doméstica/Ocupa-se das tarefas do lar	15	2,0	23	6,2	17	8,2	17	9,9	72	4,8
Trabalhador por conta própria	56	7,5	27	7,2	7	3,4	0	0,0	90	6,0
Outras situações	8	1,1	1	0,3	1	0,5	0	0,0	10	0,7
NS/NR	6	0,8	1	0,3	2	1,0	0	0,0	9	0,6
Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0

Quadro 4: Classe social subjectiva por escalões etários.

$p=0,000 \leq 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Baixa ou Média Baixa	206	27,8	115	30,8	93	44,7	78	45,6	492	32,9
Média	373	50,3	187	50,1	88	42,3	71	41,5	719	48,1
Média Alta ou Alta	131	17,7	53	14,2	14	6,7	10	5,8	208	13,9
Nenhuma delas	3	0,4	1	0,3	2	1,0	1	0,6	7	0,5
NS/NR	29	3,9	17	4,6	11	5,3	11	6,4	68	4,6
Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0

Em termos globais, na cidade de Lisboa existe mais de um terço de agregados com pessoas maiores de 65 anos (36,8%). Deste total, 15,9% são constituídos por apenas uma pessoa, ou seja, são pessoas que vivem sós.

Quadro 5: Agregados com pessoas maiores de 65 anos.

	n	%
Sim	554	36,8
Não	902	60,0
NS/NR	48	3,2
Total	1504	100,0

Territorialmente, conclui-se que a distribuição dos grupos etários é relativamente uniforme em todas as regiões da Cidade, não se observando diferenças estatisticamente significativas face à subdivisão territorial adoptada.

Quadro 6: Subdivisão territorial por escalões etários.

$p=0,079 > 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Arco Ribeirinho Ocidental	72	9,7	53	14,2	22	10,6	21	12,3	168	11,2
Charneira Ocidental	52	7,0	17	4,6	18	8,7	12	7,0	99	6,6
Centro Histórico	39	5,3	10	2,7	11	5,3	11	6,4	71	4,8
Charneira Oriental	75	10,1	43	11,5	27	13,0	23	13,5	168	11,2
Periferia Oriental	102	13,7	58	15,5	33	15,9	26	15,2	219	14,7
Expansão Central Terciária	105	14,2	54	14,5	34	16,3	25	14,6	218	14,6
Expansão Residencial 50/60's	70	9,4	31	8,3	15	7,2	20	11,7	136	9,1
Expansão Residencial 60/70's	72	9,7	23	6,2	16	7,7	16	9,4	127	8,5
Expansão Residencial 80/90's	120	16,2	69	18,5	23	11,1	15	8,8	227	15,2
Periferia Norte	35	4,7	15	4,0	9	4,3	2	1,2	61	4,1
Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0

■■■ *Habitação e Bem-estar*

Como se observa no quadro a seguir, mais de metade dos residentes na cidade de Lisboa habitam em casa própria (52,4%): mais de um terço são efectivamente proprietários sem encargos bancários (36,1%), enquanto os restantes estão ainda a pagar os seus empréstimos bancários (16,3%). O regime de arrendamento abrange um pouco mais de um terço dos habitantes (totalizam 36,8%, dividindo-se entre contratos de aluguer recentes, 19,8%, e contratos de aluguer anteriores a 1990, 16,9%). As restantes situações, como a habitação social de aluguer, a habitação social doada e os quartos alugados são residuais, com 4,4%, 1,0% e 0,6% respectivamente.

Os residentes com mais de 50 anos habitam sobretudo em casa própria, já sem encargos bancários. No entanto, observa-se uma significativa incidência de habitações alugadas com contratos antigos entre os residentes mais idosos, com idades acima dos 65 anos (comparativamente com os escalões etários precedentes), e que correspondem em geral a rendas mensais relativamente baixas, usufruídas por idosos com um estatuto sócio-económico igualmente baixo, possivelmente sem condições financeiras ao longo das suas vidas para ascender a proprietários. Cerca de metade dos inquilinos com idades entre 50 e 64 habita na mesma casa há mais de vinte anos, subindo esse valor para mais de três-quartos entre os que têm idades acima dos 65 anos.

Apesar de a grande maioria habitações dos residentes em Lisboa estar em perfeito ou bom estado de habitação, ou a necessitar de pequenas obras de reparação (48,6% e 27,6% respectivamente), a incidência de pessoas maiores de 50 anos a morar em casas com algum tipo de degradação é bastante mais assinalável, sobretudo entre os idosos com mais de 75 anos, que vivem em habitações necessitadas de grandes obras de reparação, sobretudo as datadas de antes da década de 1960. A conjugação destes diversos factores, isto é, de os mais idosos viverem em habitações alugadas com valores mensais de arrendamento relativamente modestos em edifícios antigos e com alguma degradação, uma vez que os proprietários também não investem devido ao baixo retorno financeiro que esses contratos de arrendamento antigos lhes proporciona, leva a presumir que as condições de habitabilidade e de bem-estar não sejam as mais

adequadas, sobretudo numa altura da vida em que o estado de saúde tende a piorar, com consequente dificuldade de mobilidade.

Acrescem neste contexto potenciais barreiras no acesso à própria habitação, que podem levar a um maior isolamento da parte deste segmento populacional. De facto, se é verdade que uma parte importante das pessoas idosas vive em habitações ao nível do R/C (26,1% dos de 65-74 anos, e 32,7% dos com mais de 75 anos, diferenciando-se significativamente dos grupos etários mais jovens), constata-se também que é precisamente entre os mais velhos que são mais frequentes as situações de pessoas a viver num andar, que não o R/C, em edifício sem elevador: uma proporção que ronda os 40% no conjunto dos inquiridos e atinge o valor máximo de 43,3% entre os lisboetas muito idosos.

Quadro 7: Situação contratual da casa onde habita por escalões etários.

$p=0,000 \leq 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Da qual é proprietário	214	28,8	159	42,6	90	43,3	77	45,0	540	36,1
Que está a pagar (empréstimo)	168	22,6	62	16,6	12	5,8	2	1,2	244	16,3
Alugada com contrato antigo	62	8,4	58	15,5	64	30,8	68	39,8	252	16,9
Alugada com contrato recente	227	30,6	47	12,6	16	7,7	7	4,1	297	19,9
Habitação social (aluguer)	28	3,8	21	5,6	11	5,3	6	3,5	66	4,4
Habitação social (oferta/doada)	4	0,5	4	1,1	3	1,4	4	2,3	15	1,0
Quarto alugado	7	0,9	2	0,5	0	0,0	0	0,0	9	0,6
Outro	20	2,7	13	3,5	5	2,4	3	1,8	41	2,7
NS/NR	12	1,6	7	1,9	7	3,4	4	2,3	30	2,0
Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0

Quadro 8: Tempo de residência por escalões etários.

$p=0,000 \leq 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Há menos de um ano	94	12,7	8	2,1	3	1,4	1	0,6	106	7,1
1 a 5 anos	304	41,0	57	15,3	14	6,7	8	4,7	383	25,6
6 a 10 anos	150	20,2	56	15,0	10	4,8	9	5,3	225	15,1
11 a 20 anos	76	10,2	62	16,6	16	7,7	13	7,6	167	11,2
Há mais de 20 anos	108	14,6	184	49,3	163	78,4	133	77,8	588	39,4
NS/NR	10	1,3	6	1,6	2	1,0	7	4,1	25	1,7
Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0

Quadro 9: Antiguidade do edifício por escalões etários.

$p=0,000 \leq 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Moderno (anos 80 a presente)	276	38,1	103	28,1	39	19,0	16	9,7	434	29,7
Anos 70	166	22,9	92	25,1	44	21,5	27	16,4	329	22,5
Anos 50-60	164	22,6	98	26,8	67	32,7	60	36,4	389	26,6
Início século XX até anos 30-40	84	11,6	51	13,9	36	17,6	36	21,8	207	14,2
Histórico (Séc. XIX ou anterior)	35	4,8	22	6,0	19	9,3	26	15,8	102	7,0
Total	725	100,0	366	100,0	205	100,0	165	100,0	1461	100,0

Quadro 10: Estado de conservação da residência por escalões etários.

$p=0,000 \leq 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Em perfeito/ bom estado de conservação	370	52,0	180	50,0	89	45,2	56	34,6	695	48,6
A necessitar de pequenas obras de reparação	201	28,3	79	21,9	63	32,0	51	31,5	394	27,6
A necessitar de médias obras de reparação	99	13,9	70	19,4	24	12,2	29	17,9	222	15,5
A necessitar de grandes obras de reparação	41	5,8	29	8,1	18	9,1	24	14,8	112	7,8
Muito degradado/ Ruínas	0	0,0	2	0,6	3	1,5	2	1,2	7	0,5
Total	711	100,0	360	100,0	197	100,0	162	100,0	1430	100,0

Em média, os residentes na cidade de Lisboa estão satisfeitos primeiramente com a luminosidade e a dimensão das suas casas (1,86 e 1,97), e a seguir com a ausência do barulho dos vizinhos, o isolamento e o conforto térmico, bem como a exposição ao ruído exterior (2,02, 2,33 e 2,39 respectivamente). Os mais idosos, com

mais de 75 anos, são os que melhor avaliam a ausência de ruído (seja do ambiente exterior da cidade, seja dos vizinhos) e a dimensão das suas casas, ao contrário de quem tem entre 65 e 74 anos, que são os mais exigentes relativamente a estes factores de bem-estar, encontrando-se ainda assim igualmente satisfeitos. A avaliação positiva da luminosidade das habitações, bem como do isolamento e do conforto térmico é unânime em todas as faixas etárias.

Quadro 11: Satisfação com características da habitação por escalões etários.

	Dimensão da casa	Luminosidade	Isolamento /conf. térmico	Exposição ao ruído exterior	Barulho dos vizinhos
	$F(3, 1485) = 3,586; p = 0,013 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	$F(3, 1480) = 3,158; p = 0,024 \leq 0,05$	$F(3, 1472) = 4,472; p = 0,004 \leq 0,05$
≤ 49 anos	1,94 c ¹³	1,82	2,33	2,39	2,06 d
De 50 a 64 anos	1,96	1,88	2,33	2,35	2,04 d
De 65 a 74 anos	2,11 a,d	1,95	2,41	2,55 d	2,01
≥ 75 anos	1,89 c	1,86	2,23	2,29 c	1,80 a,b
Total	1,97	1,86	2,33	2,39	2,02

1-Muito satisfeito; 2-Satisfeito; 3-Pouco Satisfeito; 4-Nada satisfeito

¹³ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

■■■ Mobilidade e Transportes

No que se refere à mobilidade e aos transportes, a maioria dos lisboetas utiliza nas suas deslocações quotidianas o transporte público (39,8% o autocarro e 28,4% o metro); 39,2% utilizam o automóvel e 16,7% deslocam-se sobretudo a pé. Os restantes meios de transporte são muito pouco usados (os utilizadores regulares de eléctrico e comboio somam 3,7% cada, seguindo-se o táxi com 2,6%, a motocicleta com 1,5%, a bicicleta com 0,6% e o barco/cacilheiro com 0,1%).

Quadro 12: Transportes utilizados nas deslocações quotidianas por escalões etários.

	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Automóvel ¹⁴ $p=0,000 \leq 0,05$	350	47,2	170	45,6	45	21,6	20	11,7	585	39,2
Autocarro $p=0,000 \leq 0,05$	234	31,5	137	36,7	127	61,1	96	56,1	594	39,8
Metro $p=0,266 > 0,05$	227	30,6	100	26,8	57	27,4	41	24,0	425	28,4
Eléctrico $p=0,000 \leq 0,05$	19	2,6	9	2,4	19	9,1	9	5,3	56	3,7
Comboio $p=0,360 > 0,05$	33	4,4	9	2,4	8	3,8	5	2,9	55	3,7
Barco/Cacilheiro $p=0,799 > 0,05$	1	0,1	1	0,3	0	0,0	0	0,0	2	0,1
Táxi $p=0,008 \leq 0,050$	12	1,6	8	2,1	10	4,8	9	5,3	39	2,6
Mota $p=0,013 \leq 0,05$	18	2,4	4	1,1	0	0,0	0	0,0	22	1,5
Bicicleta $p=0,027 \leq 0,05$	9	1,2	0	0,0	0	0,0	0	0,0	9	0,6
Ando a pé $p=0,000 \leq 0,05$	94	12,7	67	18,0	37	17,8	51	29,8	249	16,7
Ns/Nr $p=0,043 \leq 0,05$	1	0,1	0	0,0	2	1,0	2	1,2	5	0,3

De uma forma geral, os habitantes de Lisboa com idades superiores a 65 anos tendem a utilizar mais regularmente os transportes públicos, como o autocarro, o eléctrico e o táxi; os idosos acima dos 75 anos andam habitualmente mais a pé, o que corresponderá em princípio a pequenas deslocações. O automóvel é usado sobretudo por quem tem até 64 anos.

¹⁴ Resposta afirmativa.

■■■ Práticas e Temporalidades na Cidade

Habitualmente, mais de três quartos dos residentes em Lisboa não saem da cidade aos fins-de-semana (78,7%), em particular aqueles que têm mais de 65 anos de idade. Os restantes deslocam-se para fora, dividindo-se entre os que ficam pelos arredores e os que vão para outras regiões do país (11,1% e 10,2% respectivamente).

Quadro 13: Local de fim-de-semana por escalões etários.

$p=0,003 \leq 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Na cidade de Lisboa	550	74,9	295	79,9	175	85,0	144	84,7	1164	78,7
Fora de Lisboa, mas nos arredores (Sintra, Cascais, etc. - até 100Km)	88	12,0	38	10,3	21	10,2	17	10,0	164	11,1
Fora de Lisboa, noutras regiões do país (Norte, Alentejo, Algarve)	96	13,1	36	9,8	10	4,9	9	5,3	151	10,2
Total	734	100,0	369	100,0	206	100,0	170	100,0	1479	100,0

Fora da cidade, pouco mais de um quarto dos lisboetas tem uma casa para férias e/ou para fins-de-semana no campo ou na praia (29,9%) e muito poucos são proprietários de uma roulotte/caravana ou tenda num parque de campismo (2,8%), não existindo diferenças significativas segundo a idade.

Quadro 14: Casa de campo/ praia (casa para férias e/ou fins-de-semana) por escalões etários.

$p=0,065 > 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Sim	214	29,5	127	34,7	56	27,5	41	24,3	438	29,9
Não	512	70,5	239	65,3	148	72,5	128	75,7	1027	70,1
Total	726	100,0	366	100,0	204	100,0	169	100,0	1465	100,0

Quadro 15: Roulotte e/ou tenda em parque de campismo (para férias e/ou fins-de-semana) por escalões etários.

$p=0,462 > 0,05$	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Sim	17	3,4	6	2,6	4	2,7	1	0,8	28	2,8
Não	486	96,6	226	97,4	143	97,3	126	99,2	981	97,2
Total	503	100,0	232	100,0	147	100,0	127	100,0	1009	100,0

Nos tempos livres e ao fim-de-semana, os habitantes de Lisboa aproveitam frequentemente o seu tempo livre para visitar e estar com familiares e amigos (69,8%) ou simplesmente para ficar em casa (60,0%); bastante menos vão ainda frequentemente a parques, jardins e espaços verdes (41,8%). Cerca de metade vão ocasionalmente a centros comerciais; a espectáculos e eventos culturais (cinema, teatro, concertos, exposições, etc.); passear nos arredores de Lisboa ou visitar museus e património histórico (51,5%, 46,5%, 46,3% e 46,11%, respectivamente); ocupam ainda ocasionalmente os seus tempos livres passeando junto ao rio Tejo; fazendo compras no comércio tradicional ou indo jantar fora e frequentar zonas de animação nocturna (42,8%, 42,1%, 41,6%); pouco mais de um terço vão ainda ocasionalmente à praia nos arredores de Lisboa (39,6%). Dois terços dos residentes em Lisboa nunca participam em actividades de cariz cívico no âmbito do associativismo ou voluntariado (66,6%); mais de metade nunca vão a eventos desportivos (58,4%) e 43,2% nunca praticam desporto nem fazem exercício físico.

Quando se analisa a prática destas diversas actividades por idade, um padrão emerge de forma notória: os mais idosos, a partir dos 65 anos de idade, são os que declaram mais frequentemente nunca fazer a maioria das actividades, tais como fazer compras em grandes superfícies comerciais; ir a espectáculos e eventos culturais; visitar museus e monumentos históricos; frequentar jardins e espaços verdes; passear junto ao rio ou nos arredores de Lisboa; ou ainda tomar parte em iniciativas de cariz cívico ou solidário. Algumas das restantes actividades nunca são realizadas logo a partir dos 50 anos, tais como praticar desporto e fazer exercício físico; ir a eventos desportivos ou frequentar a praia nos arredores de Lisboa.

Apenas duas actividades só deixam completamente de ser feitas a partir dos 75 anos mas são de particular importância. Com efeito, isso evidencia de forma clara o isolamento a que os mais idosos estão sujeitos: as pessoas pertencentes a este grupo etário são aquelas que mais declaram nunca frequentar o comércio tradicional nos sítios onde habitam; ao mesmo tempo, são também aquelas que referem mais frequentemente nunca estar com familiares e amigos. Em síntese, tal como os dados evidenciam, a partir dos 50 anos, o tempo livre é passado sobretudo em casa.

Quadro 16: Ocupação dos tempos livres por escalões etários.

		≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Ficar em casa $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	345	46,5	259	69,4	144	69,2	148	86,5	896	60,0
	Ocasionalmente	341	46,0	86	23,1	47	22,6	20	11,7	494	33,1
	Nunca	52	7,0	28	7,5	14	6,7	3	1,8	97	6,5
	Ns/Nr	4	0,5	0	0,0	3	1,4	0	0,0	7	0,5
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Ir ao cinema/ teatro/ espectáculos/ exposições $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	206	27,8	64	17,2	16	7,7	3	1,8	289	19,3
	Ocasionalmente	414	55,8	185	49,6	61	29,3	34	19,9	694	46,5
	Nunca	115	15,5	122	32,7	128	61,5	127	74,3	492	32,9
	Ns/Nr	7	0,9	2	0,5	3	1,4	7	4,1	19	1,3
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Visitar museus/ património histórico $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	109	14,7	62	16,6	21	10,1	15	8,8	207	13,9
	Ocasionalmente	381	51,3	181	48,5	79	38,0	47	27,5	688	46,1
	Nunca	244	32,9	128	34,3	105	50,5	101	59,1	578	38,7
	Ns/Nr	8	1,1	2	0,5	3	1,4	8	4,7	21	1,4
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Ir a centros comerciais $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	212	28,6	76	20,4	28	13,5	20	11,7	336	22,5
	Ocasionalmente	381	51,3	197	52,8	110	52,9	82	48,0	770	51,5
	Nunca	145	19,5	99	26,5	67	32,2	64	37,4	375	25,1
	Ns/Nr	4	0,5	1	0,3	3	1,4	5	2,9	13	0,9
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Ir ao comércio tradicional/ mercados/ feiras/ praças $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	245	33,0	155	41,6	86	41,3	57	33,3	543	36,3
	Ocasionalmente	351	47,3	147	39,4	73	35,1	58	33,9	629	42,1
	Nunca	140	18,9	68	18,2	46	22,1	53	31,0	307	20,5
	Ns/Nr	6	0,8	3	0,8	3	1,4	3	1,8	15	1,0
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Ir a jardins/ parques/ espaços verdes $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	376	50,7	139	37,3	69	33,2	40	23,4	624	41,8
	Ocasionalmente	287	38,7	165	44,2	88	42,3	61	35,7	601	40,2
	Nunca	73	9,8	68	18,2	49	23,6	65	38,0	255	17,1
	Ns/Nr	6	0,8	1	0,3	2	1,0	5	2,9	14	,9
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Praticar desporto/ exercício físico $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	259	34,9	88	23,6	36	17,3	10	5,8	393	26,3
	Ocasionalmente	277	37,3	99	26,5	39	18,8	25	14,6	440	29,5
	Nunca	201	27,1	184	49,3	131	63,0	130	76,0	646	43,2
	Ns/Nr	5	0,7	2	0,5	2	1,0	6	3,5	15	1,0
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0

(Continuação do Quadro 16)

		≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Ir passear junto ao rio Tejo $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	212	28,6	104	27,9	44	21,2	21	12,3	381	25,5
	Ocasionalmente	347	46,8	165	44,2	71	34,1	56	32,7	639	42,8
	Nunca	181	24,4	102	27,3	90	43,3	91	53,2	464	31,1
	Ns/Nr	2	0,3	2	0,5	3	1,4	3	1,8	10	0,7
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Associativismo/ Voluntariado/ Participar em actividades de cariz cívico/ solidário $p=0,001 \leq 0,05$	Frequentemente	78	10,5	41	11,0	21	10,1	12	7,0	152	10,2
	Ocasionalmente	175	23,6	89	23,9	33	15,9	24	14,0	321	21,5
	Nunca	480	64,7	239	64,1	150	72,1	126	73,7	995	66,6
	Ns/Nr	9	1,2	4	1,1	4	1,9	9	5,3	26	1,7
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Estar com/visitar amigos/familiares $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	573	77,2	262	70,2	132	63,5	76	44,4	1043	69,8
	Ocasionalmente	137	18,5	87	23,3	59	28,4	56	32,7	339	22,7
	Nunca	24	3,2	21	5,6	13	6,3	34	19,9	92	6,2
	Ns/Nr	8	1,1	3	0,8	4	1,9	5	2,9	20	1,3
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Ir jantar fora/ Frequentar zonas de animação nocturna $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	300	40,4	74	19,8	18	8,7	7	4,1	399	26,7
	Ocasionalmente	341	46,0	169	45,3	66	31,7	46	26,9	622	41,6
	Nunca	93	12,5	125	33,5	121	58,2	109	63,7	448	30,0
	Ns/Nr	8	1,1	5	1,3	3	1,4	9	5,3	25	1,7
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Ir a eventos desportivos $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	121	16,3	29	7,8	12	5,8	3	1,8	165	11,0
	Ocasionalmente	287	38,7	101	27,1	33	15,9	11	6,4	432	28,9
	Nunca	325	43,8	239	64,1	161	77,4	148	86,5	873	58,4
	Ns/Nr	9	1,2	4	1,1	2	1,0	9	5,3	24	1,6
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Ir à praia nos arredores de Lisboa $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	267	36,0	87	23,3	37	17,8	7	4,1	398	26,6
	Ocasionalmente	345	46,5	141	37,8	67	32,2	39	22,8	592	39,6
	Nunca	121	16,3	142	38,1	101	48,6	117	68,4	481	32,2
	Ns/Nr	9	1,2	3	0,8	3	1,4	8	4,7	23	1,5
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Passear nos arredores de Lisboa $p=0,000 \leq 0,05$	Frequentemente	184	24,8	91	24,4	33	15,9	13	7,6	321	21,5
	Ocasionalmente	383	51,6	176	47,2	77	37,0	55	32,2	691	46,3
	Nunca	164	22,1	103	27,6	96	46,2	96	56,1	459	30,7
	Ns/Nr	11	1,5	3	0,8	2	1,0	7	4,1	23	1,5
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0

■■■ *Qualidade de Vida na Cidade*

Existe numa cidade um vasto conjunto de factores que contribuem, em conjunto, para a qualidade de vida dos seus habitantes. Vão eles desde a existência e funcionamento de serviços (saúde, educação, cultura, comércio, etc.) ao desenvolvimento económico e ao emprego, passando pela rede de transportes, a segurança e as condições ambientais, entre outros. Para os lisboetas, apenas a existência de cafés/restaurantes/esplanadas e a oferta de comércio e serviços colhem, em média, níveis de **satisfação** claramente positivos (3,79 e 3,67, respectivamente). Com avaliações menos positivas, mas ainda assim satisfatórias, surgem as actividades culturais, os transportes públicos e as escolas/infantários/ATL (3,31, 3,22 e 3,21, respectivamente). Seguidamente, os locais para a prática desportiva; os serviços de saúde; os espaços verdes, parques e jardins; a qualidade do ar e a limpeza urbana são aspectos menos satisfatórios, situando-se já no pólo das opiniões negativas (2,99, 2,90, 2,86, 2,52 e 2,50, respectivamente). Factores como o ruído, a segurança e policiamento; as oportunidades de emprego; o preço e disponibilidade de habitação, bem como o estacionamento, mas sobretudo o trânsito e a recuperação de edifícios degradados são considerados os aspectos mais negativos para a qualidade de vida na cidade de Lisboa (2,46, 2,39, 2,26, 2,26, 2,25, 2,11 e 2,08).

Cerca de metade destes aspectos são avaliados, em média, de forma distinta pelos residentes mais jovens e mais velhos, observando-se, em termos gerais, uma clivagem logo a partir dos 50 anos. Com efeito, os habitantes mais velhos tendem a estar menos satisfeitos com aspectos como a segurança e o policiamento nas ruas; com as oportunidades de emprego e a limpeza urbana; bem como a existência de locais para a prática desportiva e os espaços verdes, parques e jardins. As actividades culturais e a existência de cafés/restaurantes/esplanadas são pior avaliados por quem tem entre 65 e 74 anos. Apenas o preço e a disponibilidade das habitações são melhor avaliados pelos idosos com idades superiores a 75 anos, sendo esta uma preocupação compreensivelmente maior para quem tem menos de 50 anos.

Quadro 17: Qualidade de vida na cidade de Lisboa por escalões etários (satisfação).

	Existência de cafés/ restaurantes/ esplanadas	Oferta de comércio e serviços	Actividades culturais	Transportes Públicos	Escolas/ Infantários/ ATL
	$F(3, 1457) = 5,452;$ $p = 0,001 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	$F(3, 1340) = 5,120;$ $p = 0,002 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	3,87 c	3,69	3,40 c	3,26	3,26
De 50 a 64 anos	3,71	3,67	3,23	3,16	3,14
De 65 a 74 anos	3,60 a	3,64	3,17 a	3,17	3,12
≥ 75 anos	3,81	3,60	3,16	3,25	3,32
Total	3,79	3,67	3,31	3,22	3,21
	Locais para a prática desportiva	Serviços de saúde	Espaços verdes, parques e jardins	Qualidade do ar	Limpeza urbana (lixo, ruas)
	$F(3, 1243) = 6,188;$ $p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	$F(3, 1474) = 4,527;$ $p = 0,005 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	$F(3, 1481) = 9,719;$ $p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	3,10 bc	2,92	2,95 b ¹⁵	2,58	2,65 bc
De 50 a 64 anos	2,84 a	2,83	2,70 a	2,45	2,36 a
De 65 a 74 anos	2,84 a	2,88	2,80	2,40	2,28 a
≥ 75 anos	2,95	2,98	2,89	2,58	2,40
Total	2,99	2,90	2,86	2,52	2,50
	Ruído	Segurança e policimento (nas ruas)	Oportunidades de emprego/ Activ. Profissionais	Preço e disponibilidade de habitação	Estacionamento
	<i>n.s.</i>	$F(3, 1476) =$ $31,881; p = 0,000 \leq$ $0,05$	$F(3, 1300) =$ $19,665; p = 0,000 \leq$ $0,05$	$F(3, 1367) = 6,610;$ $p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	2,44	2,64 bcd	2,47 bcd	2,16 d	2,29
De 50 a 64 anos	2,47	2,22 a	2,10 a	2,31	2,25
De 65 a 74 anos	2,41	2,06 a	1,92 a	2,33	2,12
≥ 75 anos	2,59	2,01 a	2,02 a	2,53 a	2,23
Total	2,46	2,39	2,26	2,26	2,25
	Trânsito	Recuperação de edifícios degradados	-	-	-
	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	-	-	-
≤ 49 anos	2,08	2,11			
De 50 a 64 anos	2,06	2,04			
De 65 a 74 anos	2,14	2,04	-	-	-
≥ 75 anos	2,31	2,11			
Total	2,11	2,08			

1-Nada satisfeito; 5-Muito satisfeito

Uma análise factorial (quadro 18) destes aspectos sugere existirem dois grandes tipos de componentes nas dimensões de satisfação dos seniores (50+ anos) com a qualidade de vida em Lisboa: um primeiro que se pode interpretar como remetendo sobretudo para questões de ambiente físico e infra-estruturas básicas (Factor 1) e outro (Factor 2), que inclui essencialmente a disponibilidade de serviços de natureza vária.

¹⁵ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Quadro 18: Qualidade de vida na cidade de Lisboa – Satisfação: Análise Factorial (AFCP) –50+.

	Factor 1	Factor 2
Grau de satisfação - Qualidade do ar	0,758	0,059
Grau de satisfação - Ruído	0,722	-0,029
Grau de satisfação - Trânsito	0,682	0,124
Grau de satisfação - Estacionamento	0,654	0,199
Grau de satisfação - Limpeza urbana (lixo, ruas)	0,594	0,269
Grau de satisfação - Segurança e policiamento (nas ruas)	0,538	0,350
Grau de satisfação - Recuperação de edifícios degradados	0,531	0,282
Grau de satisfação - Oportunidades de emprego/ Activ. Profissionais	0,519	0,307
Grau de satisfação - Espaços verdes, parques e jardins	0,465	0,396
Grau de satisfação - Preço e disponibilidade de habitação	0,454	0,216
Grau de satisfação - Transportes públicos	0,436	0,275
Grau de satisfação - Oferta de comércio e serviços	0,025	0,738
Grau de satisfação - Locais para a prática desportiva	0,283	0,684
Grau de satisfação - Actividades culturais	0,177	0,643
Grau de satisfação - Existência de cafés/ restaurantes/ esplanadas	0,081	0,619
Grau de satisfação - Serviços de saúde	0,367	0,568
Grau de satisfação - Escolas/ Infantários/ ATL	0,350	0,465
Variância explicada	33,73	8,88
Alfa de Cronbach	0,838	0,749
N	491	437

Método Extração: Análise das componentes principais. KMO: 0,888. Método Rotação: Varimax com Normalização Kaiser

Independentemente do grau de satisfação, importa saber qual é, na opinião dos lisboetas, a **importância** que cada um desses factores assume para a qualidade de vida na cidade. Como se observa no quadro a seguir, à excepção da existência de cafés, restaurantes e esplanadas, bem como do trânsito, que são os aspectos considerados menos importantes (3,72 e 3,97, respectivamente), todos ou outros são, em média, importantes ou muito importantes para os residentes em Lisboa, em particular os serviços de saúde, a segurança e policiamento, a limpeza urbana, as oportunidades de emprego, os transportes públicos, os espaços verdes, parques e jardins, a qualidade do ar e as escolas e infantários (4,75, 4,74, 4,65, 4,64, 4,58, 4,57, 4,54 e 4,51 respectivamente). Num segundo grupo, com médias de importância ligeiramente mais baixas, mas ainda assim acima do ponto 4 da escala, surgem factores como o preço e a disponibilidade de habitação; a recuperação de edifícios degradados; as actividades culturais; o estacionamento; o ruído; a oferta de comércio e serviços, e os locais para a prática desportiva (4,48, 4,39, 4,24, 4,23, 4,21, 4,17 e 4,16, respectivamente).

De uma forma geral, os grupos etários atribuem a mesma importância à maioria dos aspectos, embora a segurança e o policiamento, bem como a recuperação de edifícios degradados sejam mais importantes para quem tem entre 65 e 74 anos; já algum lazer, como as actividades culturais e os locais para a prática desportiva, apenas é menos importante para quem tem mais de 75 anos, assim como o preço e a disponibilidade de habitação.

Quadro 19: Qualidade de vida na cidade de Lisboa por escalões etários (importância).

	Serviços de saúde	Segurança e policiamento (nas ruas)	Limpeza urbana (lixo, ruas)	Oportunidades de emprego/ Activ. Profissionais	Transportes Públicos
	<i>n.s.</i>	$F(3, 1469) = 3,489;$ $p = 0,015 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	4,74	4,69 c	4,66	4,65	4,58
De 50 a 64 anos	4,75	4,75	4,64	4,66	4,54
De 65 a 74 anos	4,80	4,83 a	4,61	4,63	4,59
≥ 75 anos	4,77	4,77	4,66	4,55	4,69
Total	4,75	4,74	4,65	4,64	4,58
	Espaços verdes, parques e jardins	Qualidade do ar	Escolas/ Infantários/ ATL	Preço e disponibilidade de habitação	Recuperação de edifícios degradados
	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	$F(3, 1433) = 4,119;$ $p = 0,006 \leq 0,05$	$F(3, 1451) = 5,378;$ $p = 0,001 \leq 0,05$
≤ 49 anos	4,60	4,57	4,54	4,51 d	4,32 c
De 50 a 64 anos	4,55	4,51	4,50	4,52 d	4,44
De 65 a 74 anos	4,55	4,51	4,51	4,41	4,55 a
≥ 75 anos	4,53	4,46	4,45	4,31 ab	4,44
Total	4,57	4,54	4,51	4,48	4,39
	Actividades culturais	Estacionamento	Ruído	Oferta de comércio e serviços	Locais para a prática desportiva
	$F(3, 1440) = 7,262;$ $p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	$F(3, 1422) = 6,797;$ $p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	4,28 d ¹⁶	4,24	4,22	4,15	4,20 d
De 50 a 64 anos	4,30 d	4,31	4,26	4,22	4,22 d
De 65 a 74 anos	4,22 d	4,16	4,14	4,21	4,15 d
≥ 75 anos	3,96 abc	4,06	4,15	4,11	3,86 abc
Total	4,24	4,23	4,21	4,17	4,16
	Trânsito	Existência de cafés/ restaurantes/ esplanadas	-	-	-
	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	-	-	-
≤ 49 anos	4,02	3,71			
De 50 a 64 anos	3,99	3,77			
De 65 a 74 anos	3,84	3,76	-	-	-
≥ 75 anos	3,82	3,62			
Total	3,97	3,72			

1-Nada importante; 5-Muito importante

¹⁶ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

A análise factorial identifica quatro componentes principais subjacentes à importância que a população sénior atribui às várias dimensões de qualidade de vida propostas. O quadro 20 identifica os itens que integram cada uma delas. Não sendo evidente qual a dimensão latente descrita pelo Factor 1, ele prende-se com o nível de dinamismo sócio-económico e a reputação das áreas urbanas (vs. estagnação ou degradação das mesmas); o Factor 2 remete sobretudo para aspectos de qualidade ambiental e infra-estruturas/serviços públicos essenciais; o Factor 3 parece identificar sobretudo a dimensão de lazer/ cultural/recreativa/desportiva, enquanto o Factor 4 sugere uma dimensão de sossego/agitação.

Quadro 20: Qualidade de vida na cidade de Lisboa – Importância: Análise Factorial (AFCP) - 50+.

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
Grau de importância - Oportunidades de emprego/ Activ. Profissionais	0,765	0,179	0,199	0,011
Grau de importância - Segurança e policiamento (nas ruas)	0,715	0,375	-0,031	0,055
Grau de importância - Preço e disponibilidade de habitação	0,682	0,112	0,316	0,086
Grau de importância - Recuperação de edifícios degradados	0,659	0,158	0,253	0,122
Grau de importância - Escolas/ Infantários/ ATL para crianças	0,631	0,216	0,179	0,246
Grau de importância - Oferta de comércio e serviços	0,559	0,267	0,349	0,146
Grau de importância - Limpeza urbana (lixo, ruas)	0,229	0,784	0,091	0,218
Grau de importância - Espaços verdes e jardins	0,164	0,750	0,328	0,040
Grau de importância - Qualidade do ar	0,305	0,669	0,114	0,302
Grau de importância - Transportes públicos	0,181	0,654	0,362	-0,006
Grau de importância - Serviços de saúde	0,416	0,612	0,024	0,061
Grau de importância - Locais para a prática desportiva	0,295	0,290	0,678	0,075
Grau de importância - Existência de cafés/ restaurantes/ esplanadas	0,201	-0,022	0,664	0,246
Grau de importância - Actividades culturais e de lazer	0,348	0,256	0,657	0,154
Grau de importância - Estacionamento suficiente	0,077	0,451	0,579	0,019
Grau de importância - Ruído	0,157	0,276	0,059	0,819
Grau de importância - Trânsito	0,108	0,026	0,243	0,782
Variância explicada	40,71	7,59	7,29	6,38
<i>Alfa de Cronbach</i>	0,831	0,833	0,731	0,620
N	667	723	670	707

Método Extração: Análise das componentes principais. KMO: 0,913. Método Rotação: Varimax com Normalização Kaiser

Quando se coloca um conjunto de afirmações que ajudam a **definir a vivência** na cidade, em média, os residentes concordam sobretudo que Lisboa é «uma cidade sem condições para as pessoas com mobilidade reduzida» e «cara», mas que é «dinâmica e estimulante», ao mesmo tempo que é «suja» e «com construção a mais» (1,79, 2,15,

2,32, 2,36, 2,41, respectivamente). Seguidamente, os habitantes de Lisboa tendem ainda a concordar que «fazem falta hortas urbanas» e que «a cidade tem espírito de bairro e boa vizinhança», mas também que é «um local onde não existe tempo para nada», «sem espaços de qualidade para actividades ao ar livre» e que «exclui ou marginaliza as minorias» (2,59, 2,62, 2,82, 2,92 e 2,96, respectivamente). Por outro lado, tendem a discordar que seja «uma cidade calma», «com boas condições para as crianças» e «para andar a pé» (3,12, 3,16, 3,16); discordam sobretudo que seja «uma cidade bem planeada e organizada» e «pouco poluída» (3,52 e 3,71).

A opinião sobre algumas destas afirmações varia segundo a idade dos inquiridos. Com efeito, os residentes com mais de 50 anos tendem, em média, a concordar mais frequentemente que Lisboa é uma cidade suja e que não tem espaços de qualidade para actividades ao ar livre, enquanto os que têm acima de 65 anos tendem a considerar que Lisboa é uma cidade com espírito de bairro e boa vizinhança, sendo também estes quem mais sente a falta das hortas urbanas; este grupo etário é ainda aquele que menos concorda que existe construção a mais. Finalmente, os mais idosos, com idades iguais ou superiores a 75 anos, são quem mais concorda que Lisboa é uma cidade calma e que menos discorda de que seja bem planeada e organizada.

Quadro 21: Características da cidade de Lisboa por escalões etários.

	Sem condições para as pessoas com mobilidade reduzida	Cidade cara	Dinâmica / estimulante	Cidade suja	Com construção a mais
	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	$F(3, 1476) = 15,989; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1447) = 6,067; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	1,78	2,14	2,27	2,55 bcd	2,34 cd ¹⁷
De 50 a 64 anos	1,72	2,15	2,36	2,23 a	2,34 c
De 65 a 74 anos	1,80	2,11	2,30	2,09 a	2,59 ab
≥ 75 anos	1,94	2,26	2,45	2,18 a	2,61 a
Total	1,79	2,15	2,32	2,36	2,41
	Onde as hortas urbanas fazem falta	Com espírito de bairro e boa vizinhança	Onde não há tempo para nada	Sem espaços de qualidade para actividades ao ar livre	Que exclui/marginaliza as minorias
	$F(3, 1399) = 11,103; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1450) = 10,232; p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	$F(3, 1450) = 6,882; p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	2,75 cd	2,74 cd	2,86	3,04 bcd	2,98
De 50 a 64 anos	2,55	2,61 d	2,77	2,82 a	2,95
De 65 a 74 anos	2,34 a	2,47 a	2,70	2,81 a	2,89
≥ 75 anos	2,28 a	2,32 ab	2,89	2,76 a	3,03
Total	2,59	2,62	2,82	2,92	2,96
	Calma/ tranquila	Com boas condições para as crianças	Com boas condições para andar a pé	Bem planeada e organizada	Pouco poluída
	$F(3, 1466) = 5,836; p = 0,001 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	$F(3, 1437) = 8,099; p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	3,22 d	3,13	3,14	3,60 d	3,67
De 50 a 64 anos	3,05	3,19	3,25	3,55 d	3,72
De 65 a 74 anos	3,01	3,28	3,22	3,41	3,80
≥ 75 anos	2,92 a	3,08	2,99	3,20 ab	3,78
Total	3,12	3,16	3,16	3,52	3,71

1-Concordo totalmente; 2-Concorda; 3-Não concorda nem discorda; 4-Discorda; 5-Discorda totalmente.

Centrando-nos agora especificamente no **bairro** ou zona onde os inquiridos habitam, observa-se que, em média, quase todos os aspectos que podem contribuir quotidianamente para uma boa qualidade de vida são **avaliados** de forma positiva, desde a vizinhança, o sossego da zona e a segurança, até à oferta de serviços, comércio e transportes, passando pela limpeza e as condições para andar a pé. Com efeito, em média, apenas tendem a discordar que existam nos locais onde moram estacionamento suficientes, boas condições para pessoas idosas (equipamentos e actividades) e espaços verdes satisfatórios (2,80, 2,83 e 2,98). Estas avaliações são comuns a todos os grupos etários, com algumas excepções: os residentes com mais de 65 anos são quem menos se sente em segurança nas zonas onde habitam, enquanto os idosos com mais de 75 anos se

¹⁷ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

destacam entre os que concordam que a sua vizinhança é boa, sem conflitos nem problemas sociais. Por sua vez, quem tem entre 65 e 74 anos tende a estar menos satisfeito com a limpeza e com as condições para andar a pé nos sítios onde moram.

Quadro 22: Qualidade de vida no bairro/zona onde mora por escalões etários.

	Tem boa vizinhança (sem conflitos e problemas sociais)	É uma zona onde há serviços (bancos, correios, etc.)	É um bairro com uma imagem positiva	É bem servido de transportes públicos	É uma zona com lojas e comércio
	$F(3, 1469) = 4,581; p = 0,003 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	3,78 d	3,85	3,77	3,81	3,58
De 50 a 64 anos	3,91	3,84	3,82	3,67	3,56
De 65 a 74 anos	3,94	3,86	3,81	3,65	3,50
≥ 75 anos	3,99 a	3,81	3,74	3,82	3,56
Total	3,86	3,85	3,78	3,75	3,56
	É uma zona tranquila / sossegada (sem confusão/ ruído)	É uma zona onde me sinto seguro	Tem boas condições para andar a pé	É uma zona limpa / A recolha do lixo funciona bem	Tem bons espaços de convívio/ encontro
	<i>n.s.</i>	$F(3, 1476) = 13,310; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1465) = 4,394; p = 0,004 \leq 0,05$	$F(3, 1472) = 5,820; p = 0,001 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	3,57	3,64 cd ¹⁸	3,49 c	3,34 c	3,20
De 50 a 64 anos	3,55	3,47 d	3,40	3,21	3,09
De 65 a 74 anos	3,44	3,31 a	3,23 a	2,98 a	3,17
≥ 75 anos	3,63	3,15 ab	3,27	3,15	3,26
Total	3,56	3,50	3,41	3,23	3,18
	Tem boas condições (equipamentos e actividades) para as crianças e jovens	Tem espaços verdes suficientes	Tem boas condições (equipamentos e actividades) para as pessoas idosas	Tem estacionamento suficiente	-
	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	<i>n.s.</i>	-
≤ 49 anos	3,12	3,01	2,89	2,83	
De 50 a 64 anos	3,01	2,93	2,81	2,81	
De 65 a 74 anos	2,99	2,93	2,71	2,69	-
≥ 75 anos	3,19	3,03	2,76	2,74	
Total	3,08	2,98	2,83	2,80	

1- Discorda totalmente; 2 -Discorda; 3-Não concorda nem discorda; 4- Concorda; 5-Concordo totalmente.

A análise factorial desta avaliação das características do bairro/zona de residência (quadro 23) sugere, para os seniores, o seu reagrupamento em dimensões. O Factor 1 remete para um conjunto de condições básicas no bairro, relevantes nomeadamente do ponto de vista de social. O Factor 2 parece agrupar as vertentes imateriais de qualidade social/reputação da zona, enquanto o Factor 3 se refere à disponibilidade de serviços de interesse geral.

¹⁸ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Quadro 23: Qualidade de vida no bairro/zona onde mora: Análise Factorial (AFCP) - 50+.

O Bairro/ zona onde mora...	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Tem boas condições (equipamentos e actividades) para as pessoas idosas	0,707	0,209	0,154
Tem boas condições (equipamentos e actividades) para as crianças e para os jovens	0,670	0,299	0,275
Tem bons espaços de convívio/ encontro	0,633	0,046	0,338
Tem espaços verdes suficientes	0,631	0,232	0,108
Tem estacionamento suficiente	0,614	0,190	-0,126
Tem boas condições para andar a pé	0,593	0,294	0,135
É uma zona tranquila/ sossegada (sem confusão/ ruído)	0,229	0,742	-0,057
Tem boa vizinhança (sem conflitos e problemas sociais)	0,057	0,712	0,199
É uma zona onde me sinto seguro	0,237	0,665	0,064
É um bairro com uma imagem positiva	0,304	0,663	0,147
É uma zona limpa/ a recolha do lixo funciona bem	0,353	0,424	-0,004
É uma zona onde há serviços (bancos, correios, etc.)	0,087	0,049	0,828
É uma zona com lojas e comércio	0,033	0,153	0,827
É bem servido de transportes públicos	0,299	0,040	0,535
Variância explicada	33,4	11,39	7,69
Alfa de Cronbach	0,785	0,712	0,642
N	638	719	727

Método Extração: Análise das componentes principais. KMO: 0,857. Método Rotação: Varimax com Normalização Kaiser

Como se observa pelo valor médio do **índice relativo à qualidade de vida no bairro**¹⁹, que agrega todos os indicadores em avaliação, a satisfação global tende a ser positiva e unânime em todas os grupos etários. Dentro do grupo dos seniores (50+)²⁰, a qualidade de vida no bairro é avaliada de igual forma por homens e mulheres, tendo uma opinião significativamente mais positiva os mais escolarizados, especialmente os inquiridos com o secundário completo ou superior incompleto e quem se auto-posiciona na classe social média-alta ou alta.

Quadro 24: Índice de qualidade de vida no bairro/zona onde mora por escalões etários.

	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	3,41
De 50 a 64 anos	3,36
De 65 a 74 anos	3,30
≥ 75 anos	3,39
Total	3,38

1- Discorda totalmente; 2 -Discorda; 3-Não concorda nem discorda; 4- Concorda; 5-Concordo totalmente.

¹⁹ Alfa de Cronbach: 0,833.

²⁰ Nesta caracterização demográfica e socioeconómica excluíram-se os inquiridos com idade igual ou inferior a 49 anos.

Em média, os Lisboaetas avaliam de forma mais positiva a **qualidade de vida no seu bairro** ou sua área de residência do que a **qualidade de vida da cidade** em termos globais. Enquanto a qualidade de vida no seu bairro ou área de residência é considerada boa (3,52), a opinião relativa à cidade em geral é significativamente mais baixa e está mais próxima do razoável (3,12). Os residentes mais velhos tendem a ser mais críticos, em particular a partir dos 65 anos, sobretudo quando a avaliação da qualidade de vida diz respeito ao seu bairro, considerando que, nos últimos anos, esta piorou, embora perto de metade do total dos residentes considere que a qualidade de vida no bairro se manteve (44,9%), enquanto na cidade afirmam que piorou (41,7%), opinião esta que é mais partilhada por quem tem entre 65 e 74 anos.

Quadro 25: Avaliação presente da qualidade de vida no bairro/zona onde mora e na cidade de Lisboa por escalões etários.

	No seu bairro/na sua área de residência	Na cidade de Lisboa
	$F(3, 1486) = 36,410; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1472) = 13,265; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	3,70 bcd ²¹	3,21 bcd
De 50 a 64 anos	3,49 acd	3,07 a
De 65 a 74 anos	3,22 ab	3,00 a
≥ 75 anos	3,20 ab	3,00 a
Total	3,52	3,12

1-Muito má; 2-Má; 3-Razoável; 4-Boa; 5-Muito boa.

Quadro 26: Evolução da qualidade de vida no bairro/zona onde mora e na cidade de Lisboa por escalões etários.

	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total		
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Qualidade de vida no bairro/ na sua área de residência $p=0,000 \leq 0,05$	Melhorou	196	26,4	89	23,9	40	19,2	28	16,4	353	23,6
	Manteve-se	362	48,8	164	44,0	71	34,1	74	43,3	671	44,9
	Piorou	151	20,4	118	31,6	94	45,2	67	39,2	430	28,8
	Ns/Nr	33	4,4	2	0,5	3	1,4	2	1,2	40	2,7
	Total	742	100,0	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0
Qualidade de vida na cidade de Lisboa $p=0,000 \leq 0,05$	Melhorou	188	25,3%	67	18,0	40	19,2	25	14,6	320	21,4
	Manteve-se	253	34,1%	131	35,1	62	29,8	59	34,5	505	33,8
	Piorou	272	36,7%	169	45,3	103	49,5	79	46,2	623	41,7
	Ns/Nr	29	3,9%	6	1,6	3	1,4	8	4,7	46	3,1
	Total	742	100,0%	373	100,0	208	100,0	171	100,0	1494	100,0

²¹ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Os inquiridos tendem, em média, a estar mais identificados com a cidade de Lisboa na sua globalidade do que com o bairro ou a freguesia onde habitam, embora se sintam bastante identificados com ambos. Os residentes com mais de 65 anos são quem se sente mais identificado com o bairro onde habita, enquanto a identificação com Lisboa é comum a todas as idades.

Quadro 27: Identificação com o bairro/zona onde mora e com a cidade de Lisboa por escalões etários.

	O bairro/ freguesia onde vive	Na cidade de Lisboa
	$F(3, 1482) = 15,607; p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	2,45 cd ²²	2,19
De 50 a 64 anos	2,27 d	2,12
De 65 a 74 anos	2,10 a	2,16
≥ 75 anos	1,93 ab	2,13
Total	2,29	2,16

1-Totalmente identificado; 2-Bastante identificado; 3-Nem muito nem pouco identificado; 4-Pouco identificado; 5-Nada identificado.

²² Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

■■■ *Atributos políticos da população sénior lisboeta*

Antes de analisar a participação cívica dos seniores de Lisboa, convém ter em conta os seus atributos políticos, ou seja, propriedades tais como a confiança interpessoal; a socialização política primária e secundária; a mobilização cognitiva; os sentimentos de compreensão e de eficácia políticas, nomeadamente o índice de *responsiveness* das autoridades; bem como a exposição aos media informativos. Como tem sido observado em múltiplos estudos anteriores (Cabral, 2008a), esses atributos configuram o interesse pela política e o envolvimento no espaço público, mediando entre os caracteres demográficos e sócio-económicos, por um lado, e por outro, as atitudes e comportamentos cívicos e políticos propriamente ditos, nomeadamente o associativismo, a auto-mobilização e o activismo urbano, enquanto geradores de capitais sociais de diversas naturezas, como veremos adiante.

Vale a pena notar, desde já, que os atributos mencionados revelaram possuir diferenças estatisticamente significativas em função da idade na totalidade dos indicadores, com excepção do segundo item do índice de confiança interpessoal, que se mostrou homogéneo entre os grupos etários considerados. Em compensação, o primeiro item mostra que a confiança diminui gradualmente com a idade, o que está habitualmente associado a um menor capital social.

Quadro 28: Confiança Interpessoal por escalões etários.

	“as pessoas são de confiança ou, que pelo contrário, todo o cuidado é pouco quando lidamos com os outros?” (*)	“as pessoas tentarão aproveitar-se de si sempre que puderem ou acha que serão honestas” (**)
	$F(3, 1475) = 10,644; p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	2,57 bcd ⁴⁵	2,66
De 50 a 64 anos	2,52 acd	2,66
De 65 a 74 anos	2,21 ab	2,55
≥ 75 anos	2,16 ab	2,53
Total	2,46	2,63

*1-Quase sempre todo o cuidado é pouco; 2-Às vezes todo o cuidado é pouco; 3-Às vezes as pessoas são de confiança; 4-Quase sempre as pessoas são de confiança.

** 1-Quase sempre tentarão aproveitar-se de mim; 2-Às vezes tentarão aproveitar-se de mim; 3-Às vezes serão honestas; 4-Quase sempre serão honestas.

Com efeito, as distribuições são de modo geral desfavoráveis aos mais velhos, desde logo por causa da alfabetização tardia que caracteriza a sociedade portuguesa. É isso que se observa com os indicadores relativos à socialização política primária e secundária, sobretudo a primeira, segundo a qual a população com menos de 50 anos

apresenta valores bem acima da média, beneficiando já, presumivelmente, da democratização do sistema político a partir do 25 de Abril. Observa-se ainda que, embora os valores médios da socialização primária sejam muito baixos, eles tendem a subir por efeito da socialização secundária.

Quadro 29: Socialização política por escalões etários.

	Socialização Política Primária (*)	Socialização Política Secundária (**)
	$F(3, 1472) = 165,434; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1466) = 35,880; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	2,44 bcd ²³	2,52 cd
De 50 a 64	1,67 acd	2,45 cd
De 65 a 74	1,29 ab	2,12 abd
≥ 75 anos	1,31 ab	1,85 abc
Total	1,96	2,37

1-Nunca; 2-Raramente; 3-Algumas vezes; 4-Frequentemente.

* Socialização Política Primária - Média de 2 itens: “Quando tinha 14/15 anos, com que frequência se falava de política em casa?”; “E na escola?”

** Socialização Política Secundária - Média de 4 itens: “Hoje em dia, fora da comunicação social, com que frequência ouvi falar de assuntos políticos em cada um dos seguintes locais?” “- No local de trabalho”; “- Em sua casa ou em casa de pessoas de família”; “Em reuniões associativas”; “Em conversas de bairro”

A mobilização cognitiva é um índice criado pelo EUROBARÓMETRO a fim de identificar os «líderes de opinião» nas sociedades europeias, medindo simultaneamente a propensão dos inquiridos para persuadir os seus interlocutores das suas opiniões e a frequência com que discutem assuntos de natureza política. Também aqui se observa que a tendência para as pessoas se assumirem como líderes de opinião, nunca sendo elevada, pois encontra-se em média entre o «raramente» e o «de vez em quando», decresce gradualmente com a idade, discriminando os mais velhos e caindo acentuadamente a partir dos 65 anos, na mesma linha do que já acontecia com a socialização política.

Quadro 30: Mobilização cognitiva por escalões etários.

	$F(3, 1486) = 40,213; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	2,76 bcd ⁴⁴
De 50 a 64 anos	2,59 acd
De 65 a 74 anos	2,27 ab
≥ 75 anos	2,03 ab
Total	2,56

1-Nunca; 2-Raramente; 3-De vez em quando; 4-Frequentemente.

Média de 2 itens: “Quando está entre pessoas amigas, com que frequência discute assuntos políticos?”; “Quando tem uma opinião firme sobre qualquer assunto, com que frequência tenta convencer os seus amigos, colegas de trabalho, familiares, a adoptar essa posição?”

²³ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Não é exactamente o que se passa com os sentimentos de influência e compreensão políticas, que se revelam em média baixos e discriminam sobretudo a faixa etária mais velha (75+ anos), mas em compensação a faixa dos 50 aos 64 anos demonstra um sentimento de compreensão dos assuntos políticos mais elevada do que todas as outras, incluindo os inquiridos com menos de 50 anos.

Quadro 31: Influência e Compreensão política por escalões etários.

	“O Governo não liga muito ao que as pessoas como o(a) Sr.(a) pensam” (Influência Política)	“Compreendo bastante bem os principais assuntos políticos do país” (Compreensão Política)
	$F(3, 1434) = 7,019; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1441) = 7,793; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	3,77 d ⁴⁵	3,55 b
De 50 a 64 anos	3,96	3,78 ad
De 65 a 74 anos	3,98	3,59
≥ 75 anos	4,17 a	3,29 b
Total	3,89	3,58

1-Discorda totalmente; 2-Discorda; 3-Não concorda nem discorda; 4-Concorda; 5-Concorda totalmente

Na mesma linha da eficácia política, o índice de *responsiveness*, que mede de algum modo a relação entre, por um lado, a propensão dos inquiridos para tomarem iniciativas de natureza reivindicativa em relação às autoridades estabelecidas, neste caso, a Câmara Municipal, e por outro lado a sua expectativa quanto ao êxito dessas iniciativas, discrimina claramente de forma negativa a faixa mais idosa (75+) mas não distingue as outras faixas.

Quadro 32: Iniciativa e Expectativa Política (*responsiveness*) por escalões etários.

	$F(3, 1457) = 14,465; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	2,44 d ⁴⁴
De 50 a 64 anos	2,52 d
De 65 a 74 anos	2,37 d
≥ 75 anos	2,03 abc
Total	2,40

1- Muito improvável; 2-Improvável; 3-Provável; 4-Muito Provável.

Média de 2 itens: “Imagine que estava a ser preparada uma decisão da Câmara Municipal que o(a) Sr.(a) considera injusta”:

“- Num caso desses é provável ou não que tentasse fazer alguma coisa contra a aprovação/ para alterar essa decisão?”; “- No caso de tentar fazer alguma coisa, qual é a probabilidade de prestarem atenção à sua reivindicação?”

O factor subjectivo determinante parece ser, como se pode observar, a expectativa quanto à resposta das autoridades, já que esta é claramente mais negativa do que a propensão para agir, sendo as diferenças entre as faixas etárias muito semelhantes entre ambos os factores. Este conjunto de indicadores tende, pois, a confirmar o sentimento de baixa eficácia política já revelado.

Quadro 33: Iniciativa e êxito esperado de reivindicação no âmbito da Câmara Municipal por escalões etários.

	Num caso desses é provável ou não que tentasse fazer alguma coisa contra a aprovação/ para alterar (d)essa decisão	No caso de tentar fazer alguma coisa, qual é a probabilidade de prestarem atenção à sua reivindicação
	$F(3, 1443) = 18,053; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1327) = 5,631; p = 0,001 \leq 0,05$
≤ 49 anos	2,18 d ⁴⁴	3,00 d
De 50 a 64 anos	2,06 d	2,97 d
De 65 a 74 anos	2,20 d	3,20
≥ 75 anos	2,72 abc	3,27 ab
Total	2,21	3,05

1-Muito provável; 2-Provável; 3-Improvável; 4-Muito improvável.

O interesse pela vida política e o envolvimento no espaço público estão, habitualmente, fortemente associados à exposição dos indivíduos aos «media» informativos. A este nível, a clivagem passa entre os inquiridos até aos 64 anos, por um lado, e os idosos a partir dos 65, por outro. Confirma-se, pois, a tendência para o menor interesse com os noticiários por parte dos mais velhos, seja pelos seus níveis de instrução mais baixos, seja devido a uma tendência gradual para se desligarem do mundo exterior, correspondente ao desinteresse deste último pelos mais velhos, como sugere Norbert Elias (2008).

Quadro 34: Exposição aos *media* informativos por escalões etários.

	$F(3, 1486) = 32,388; p = 0,000 \leq 0,05$	
≤ 49 anos	3,55	cd ²⁴
De 50 a 64 anos	3,53	cd
De 65 a 74 anos	3,03	ab
≥ 75 anos	2,91	ab
Total	3,40	

1- Nunca; 2-Menos de 1 dia; 3-1-2 dias por semana; 4-3-4 dias por semana; 5-Todos os dias

Média de 4 itens: “Lê assuntos políticos nos jornais”; “Vê noticiários na televisão”; “Ouvir noticiários da rádio”; “Utilizar Internet para aceder a notícias e informação política”

²⁴ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

■■■ *Participação cívica e capital social*

No seguimento dos estudos que vimos conduzindo neste domínio há 20 anos (Cabral, 1997; 2008a), o envolvimento no espaço público e na vida cívica exprime-se através de várias modalidades, gerando diversos tipos de capital social (Putnam, 1993; 2000). A fim de medir esta multiplicidade de formas de participação, optámos por três categorias de medidas: associativismo, auto-mobilização e, no caso deste estudo específico, activismo urbano. Embora exista um bom estudo sobre o movimento associativo em Lisboa (Garcia, 2007), ele não é exaustivo e pode já estar desactualizado, além de não conter dados individuais que permitam conhecer os atributos sócio-demográficos dos membros dessas associações.

De acordo com o nosso levantamento, em média, a adesão dos residentes da cidade de Lisboa aos diversos tipos de associações tende ocorrer sobretudo no âmbito do desporto e actividades ao ar livre e nas associações culturais ou colectividades recreativas (1,71 e 1,55). A seguir, o sindicalismo, as associações profissionais ou patronais, bem como as associações de solidariedade social e as associações de pais, são os tipos de organizações a que os habitantes de Lisboa mais aderem e onde desenvolvem mais actividade (1,49, 1,45 e 1,40, respectivamente). Os movimentos cívicos, as associações de consumidores, os partidos políticos, as associações de moradores e as associações de defesa do património ou do ambiente são as que recolhem menos adesão pela generalidade dos inquiridos (1,25, 1,24, 1,24, 1,24 e 1,14, respectivamente).

A maior parte das adesões a estas associações apresenta variações segundo a idade dos inquiridos. A participação em clubes desportivos ou actividades ao ar livre é menos frequente, em média, entre quem tem mais de 65 anos, enquanto a participação em partidos políticos e em associações de defesa do património ou do ambiente é menos comum entre quem tem mais de 75 anos; são sobretudo aos mais jovens, com idades até 49 anos que mais se envolvem nestas últimas actividades. Os residentes com idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos tendem a estar mais envolvidos em actividades relacionadas com o sindicalismo ou outras de índole profissional e no âmbito de associações de consumidores ou de moradores; a participação em associações de pais ou em comunidades educativas é mais comum também neste grupo etário, juntamente com os mais jovens.

Quadro 35: Participação em associações por escalões etários.

	Clube desportivo/ Associação de actividades ao ar livre	Associação cultural /Colectividade recreativa	Sindicato / Associação profissional/ Associação patronal	Associação de solidariedade social	Associação de pais/ Comunidade educativa
	$F(3, 1477) = 14,367;$ $p = 0,000 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	$F(3, 1477) = 15,696;$ $p = 0,030 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>	$F(3, 1471) = 5,565;$ $p = 0,001 \leq 0,05$
≤ 49 anos	1,85 cd ²⁵	1,53	1,43 b	1,45	1,44 d
De 50 a 64 anos	1,68 d	1,66	1,75 acd	1,45	1,45 d
De 65 a 74 anos	1,50 a	1,54	1,40 b	1,39	1,28
≥ 75 anos	1,40 ab	1,42	1,33 b	1,50	1,21 ab
Total	1,71	1,55	1,49	1,45	1,40
	Movimento cívico	Partido político	Associação de moradores	Associação de consumidores	Associação de defesa do património /ambiente (nacional/local)
	<i>n.s.</i>	$F(3, 1475) = 2,924;$ $p = 0,033 \leq 0,05$	$F(3, 1473) = 8,369;$ $p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1472) = 6,288;$ $p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1473) = 4,309;$ $p = 0,005 \leq 0,05$
≤ 49 anos	1,28	1,27 d	1,15 bc	1,22 b	1,18 d
De 50 a 64 anos	1,30	1,26	1,33 a	1,35 ad	1,14
De 65 a 74 anos	1,17	1,25	1,35 a	1,19	1,07
≥ 75 anos	1,13	1,10 a	1,29	1,10 b	1,05 a
Total	1,25	1,24	1,24	1,24	1,14

1-Nunca pertenceu; 2- Já pertenceu; 3-Pertence mas não participa; 4-Participa activamente.

Em síntese, o índice de associativismo²⁶, que agrega a participação nos vários tipos de organizações, mostra-nos que a participação geral média é relativamente baixa. Ainda assim, 48,1% dos lisboetas é membro de uma associação pelo menos, sendo de 22,8% a proporção que não pertence ou que nunca pertenceram a qualquer dos 10 tipos de organizações considerados. Curiosamente, não é a população mais jovem (até aos 50) a que mais adere ao associativismo, mas sim os inquiridos com idades entre os 50 e os 64 anos quem mais participa em actividades relacionadas com alguma forma de associativismo (53,1% com pertença actual a pelo menos uma associação), inversamente ao que ocorre com quem tem mais de 75 anos (que, em 36,8% dos casos, não pertence nem pertenceu a nenhuma das organizações contempladas). Os seniores (50+) do sexo masculino participam, em média, mais em actividades de cariz associativo, tal como os inquiridos com o ensino superior e aqueles que se auto-posicionam na classe social média-alta ou alta; inversamente, quanto mais baixo for o nível de escolaridade e o estatuto socio-económico, menos ocorre esta forma de participação social e cívica ligada ao associativismo).²⁷

²⁵ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffé, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

²⁶ Alfa de Cronbach: 0,832.

²⁷ Nesta caracterização demográfica e socioeconómica excluíram-se os inquiridos com idade igual ou inferior a 49 anos.

Quadro 36: Participação em 10 tipos de organizações/ associações por escalões etários.

	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Pertence actualmente a pelo menos uma associação*	373	50,3	198	53,1	94	45,2	53	31,0	718	48,1
$\chi^2(3) = 25,858; p=0,000 \leq 0,05$										
Nunca pertenceu a qualquer associação**	164	22,1	60	16,1	54	26,0	63	36,8	341	22,8
$\chi^2(3) = 30,072; p=0,000 \leq 0,05$										

* Percentagem de respondentes que afirmou “Pertence mas não participa” ou “Participa activamente” em pelo menos um dos 10 tipos de organizações.

** Percentagem de respondentes que afirmou “Nunca pertenceu” em todos os 10 tipos de organizações.

Quadro 37: Índice de associativismo por escalões etários.

	$F(3, 1483) = 9,732; p = 0,000 \leq 0,05$	
≤ 49 anos	1,38	d ²⁸
De 50 a 64 anos	1,44	cd
De 65 a 74 anos	1,31	b
≥ 75 anos	1,26	ab
Total	1,37	

Uma análise multivariada (quadro 38), visando investigar a contribuição de diversos factores potencialmente explicativos das práticas de associativismo entre os residentes seniores (50+) de Lisboa, confirma que o género e o nível de habilitações escolares são características sócio-demográficas relevantes para entender este fenómeno – sendo os homens e os mais escolarizados aqueles que mais tendem a pertencer a associações. Em contrapartida, esta análise sugere que a idade e a classe social subjectiva não são, em si mesmas, características relevantes para explicar o associativismo, pelo que as relações antes descritas deverão ser decorrentes de outros factores. Analisando em simultâneo a potencial influência de outras propriedades sócio-culturais e políticas dos inquiridos, observa-se que só a maior exposição aos media informativos (ou seja, quem mais recebe/procura informações políticas e notícias nos jornais, televisão, rádio, e/ou internet) surge como preditor significativo da participação associativa. Particularmente forte é a relação com outros índices de participação cívica que adiante se desenvolverão, apresentando-se em contrapartida como irrelevante o papel da avaliação da qualidade de vida nas práticas do associativismo. Em conjunto, os factores sócio-demográficos e sócio-culturais contemplados na análise explicam cerca de 37,8% da variância na adesão ao associativismo por parte dos seniores lisboetas.

²⁸ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Quadro 38: Preditores do associativismo – incluindo qualidade de vida (50+).

	Associativismo
Género (feminino)	-0,097 **
Idade	0,031
Escolaridade	0,120 *
Situação profissional (trab. qualificado)	0,038
Classe social subjectiva	-0,021
Socialização política primária	0,050
Socialização política secundária	-0,016
Auto-posicionamento (Esquerda-Direita)	-0,044
Mobilização cognitiva	-0,008
Confiança Interpessoal	0,052
Exposição aos <i>media</i> informativos	0,099 *
Eficácia política	-0,011
Iniciativa e resposta política	0,058
Índice de auto-mobilização	0,278 ***
Índice de activismo urbano	0,266 ***
Avaliação presente da qualidade de vida (bairro e cidade)	-0,004
Índice de avaliação qualidade de vida no bairro	-0,025
2º bloco variação R ²	0,053
3º bloco variação R ²	0,125
R² ajustado	0,378
N (mínimo)	545

Análise de regressão linear, método Enter block-by-block. Os valores são coeficientes de regressão estandardizados (betas), assinalados quando estatisticamente significativos: * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001.

Além do associativismo clássico, para fazer valer os seus direitos ou defender os seus pontos de vista, existem diversas formas de **auto-mobilização cívica e social** a que os cidadãos podem recorrer, de acordo com aquilo a que Welzel e Inglehart chamam «desafios às elites» (Welzel et al., 2000). As modalidades que recolhem maior adesão por parte dos inquiridos têm que ver com acções como receber ou dar dinheiro para causas públicas e assinar petições ou fazer abaixo-assinados (2,84 e 2,52, respectivamente). Comprar ou não determinados produtos por razões políticas, éticas ou ambientais; participar em manifestações; contactar um político ou governante nacional ou local; convocar uma reunião cívica; escrever uma carta a um jornal; fazer greve; participar num fórum ou grupo de discussão na internet, ou ainda contactar/aparecer na comunicação social para exprimir as suas opiniões, são as formas de acção mais utilizadas a seguir (2,21, 2,15, 2,03, 1,92, 1,89, 1,88, 1,81 e 1,70, respectivamente). A participação em actividades de protesto não autorizadas raramente é opção (1,46). Os resultados apresentam uma variação marcante de práticas por idade. Com efeito, observam-se diferenças significativas em todas as categorias etárias no que diz respeito

à frequência das diversas formas de auto-mobilização, com excepção de dar ou receber dinheiro para causas públicas, iniciativa que é comum a todos os inquiridos. Em termos gerais, a participação tende a diminuir à medida que a idade dos cidadãos avança.

Quadro 39: Formas de auto-mobilização cívica e social por escalões etários.

	Dar/recolher dinheiro para causas públicas	Assinar uma petição ou fazer um abaixo-assinado	Comprar ou não comprar de propósito determinados produtos, por razões políticas, éticas ou ambientais	Participar numa manifestação	Contactar, ou tentar contactar, um político ou governante nacional ou municipal/ local
	<i>n.s.</i>	$F(3, 1461) = 56,652; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1436) = 37,956; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1456) = 27,662; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1459) = 12,605; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	2,84	2,78 bcd	2,47 bcd	2,27 cd	2,11 d ²⁹
De 50 a 64 anos	2,87	2,52 acd	2,19 acd	2,26 cd	2,09 d
De 65 a 74 anos	2,86	2,16 abd	1,80 ab	1,91 abd	1,93 d
≥ 75 anos	2,76	1,82 abc	1,58 ab	1,63 abc	1,64 abc
Total	2,84	2,52	2,21	2,15	2,03
	Convocar uma reunião cívica	Escrever uma carta a um jornal	Fazer greve	Participar num fórum ou grupo de discussão da Internet	Contactar ou aparecer na comunicação social para exprimir as suas opiniões
	$F(3, 1456) = 5,252; p = 0,001 \leq 0,05$	$F(3, 1463) = 15,794; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1439) = 30,720; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1431) = 102,416; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1453) = 18,120; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	1,97 d	1,99 cd	1,92 bcd	2,20 bcd	1,79 cd
De 50 a 64 anos	1,95 d	1,92 cd	2,13 acd	1,59 acd	1,76 cd
De 65 a 74 anos	1,89	1,72 ab	1,67 abd	1,28 ab	1,51 ab
≥ 75 anos	1,70 ab	1,62 ab	1,40 abc	1,14 ab	1,41 ab
Total	1,92	1,89	1,88	1,81	1,70
	Participar em actividades de protesto não autorizadas	-	-	-	-
	$F(3, 1436) = 20,467; p = 0,000 \leq 0,05$	-	-	-	-
≤ 49 anos	1,57 cd	-	-	-	-
De 50 a 64 anos	1,47 cd	-	-	-	-
De 65 a 74 anos	1,26 ab	-	-	-	-
≥ 75 anos	1,21 ab	-	-	-	-
Total	1,46	-	-	-	-

1-Nunca o faria; 2-Nunca fez mas podia fazer; 3-Fez em anos anteriores; 4-Fez no último ano.

²⁹ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Analisando o envolvimento no conjunto destas modalidades e um índice de auto-mobilização que igualmente agrega todas os tipos de acção política e social contemplados³⁰, observa-se que a maioria dos Lisboaetas já exerceu participação cívica desta natureza, nalguma das suas formas. Há porém diferenças significativas nas práticas de auto-mobilização entre os grupos etários, com um decréscimo acentuado entre os mais velhos: enquanto 59,4% das pessoas com menos de 50 anos recorreu no último ano a pelo menos uma das modalidades consideradas, só 35,1% dos com 75 e mais anos reportam a mesma situação³¹. No grupo dos seniores (50+)³², a capacidade de auto-mobilização é, em média, maior entre os homens, estando directamente correlacionada com o nível de escolaridade e o estatuto social: quanto mais elevado o nível de escolaridade e o estatuto medido pela classe social subjectiva, maior é o envolvimento nestas formas de auto-mobilização.

Quadro 40: Envolvimento em (11) formas de auto-mobilização cívica e social por escalões etários.

	≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Fez pelo menos um dos tipos de acção no último ano *	441	59,4	196	52,5	102	49,0	60	35,1	799	53,5
$\chi^2(3) = 35,603; p=0,000 \leq 0,05$										
Já fez pelo menos um dos tipos de acção **	640	86,3	318	85,3	169	81,3	128	74,9	1255	84,0
$\chi^2(3) = 15,056; p=0,002 \leq 0,05$										

* Percentagem de respondentes que afirmou “Fez no último ano” face a pelo menos uma das 11 formas de mobilização.

** Percentagem de respondentes que afirmou “Fez em anos anteriores” ou “Fez no último ano” face a pelo menos uma das 11 formas de mobilização.

Quadro 41: Índice de auto-mobilização por escalões etários.

	$F(3, 1475) = 61,223; p = 0,000 \leq 0,05$
≤ 49 anos	2,18 bcd ³³
De 50 a 64 anos	2,07 acd
De 65 a 74 anos	1,82 abd
≥ 75 anos	1,64 bcd
Total	2,04

³⁰ Alfa de Cronbach: 0,832.

³¹ Sendo adicionalmente de considerar que, se não se contabilizar o “Dar/recolher dinheiro para causas públicas”, a forma de mobilização mais frequente e, como se viu, a única que não varia com a idade – a frequência de auto-mobilização no último ano entre o grupo 75+ anos decresce para 13,5% enquanto nos mais jovens (menos de 50 anos) atinge ainda assim os 51,8%.

³² Nesta caracterização demográfica e socioeconómica excluíram-se os inquiridos com idade igual ou inferior a 49 anos.

³³ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Mais uma vez, uma análise multivariada (quadro 42) permite explorar quais os factores com efeito independente na explicação da auto-mobilização entre os seniores de Lisboa (50+ anos). Confirma-se assim que um maior nível de habilitações escolares é preditor deste tipo de participação. Em contrapartida, o género, idade e a classe social subjectiva não parecem ter, afinal, efeito independente no que toca à auto-mobilização quando se considera um conjunto mais alargado de potenciais factores explicativos. Por seu lado, uma maior socialização política primária (i.e., ter ouvido com maior frequência falar de política na infância/juventude), um posicionamento à esquerda do espectro político e um índice mais elevado de iniciativa e resposta política (ou seja, a maior tendência dos inquiridos para agir em determinadas circunstâncias e a confiança na resposta do poderes autárquico face a essa reivindicação), surgem como factores sócio-culturais associados positivamente às práticas de auto-mobilização. Este fenómeno será ainda explicado pela maior tendência para adoptar outras vertentes de participação cívica - práticas de associativismo e activismo urbano. Relembre-se que este efeito se observara já em sentido contrário (quadro 38 - preditores do associativismo), com valores que sugerem que auto-mobilização será, em todo o caso, mais importante para explicar a participação associativa do que o inverso. Mais uma vez também aqui, a avaliação de qualidade de vida feita pelos seniores não se mostra relevante para explicar a participação cívica.

No conjunto, os preditores analisados explicam cerca de 49% da auto-mobilização entre os seniores de Lisboa, revelando-se pois esta modalidade de envolvimento cívico, social e/ou político com uma adesão maior do que o associativismo convencional ao modelo do exercício da cidadania, conforme temos vindo a verificar não só em Lisboa e Portugal em geral, mas também na maioria dos países estrangeiros (Cabral, 2009).

Quadro 42: Preditores da auto-mobilização – incluindo qualidade de vida (50+).

	Auto-Mobilização
Género (feminino)	0,027
Idade	-0,068
Escolaridade	0,162 ***
Situação profissional (trab. qualificado)	0,073
Classe social subjectiva	0,045
Socialização política primária	0,154 ***
Socialização política secundária	0,050
Auto-posicionamento (Esquerda-Direita)	-0,124 ***
Mobilização cognitiva	0,076
Confiança Interpessoal	0,013
Exposição aos <i>media</i> informativos	0,057
Eficácia política	0,034
Iniciativa e resposta política	0,098 **
Índice de associativismo	0,227 ***
Índice de activismo urbano	0,101 **
Avaliação presente da qualidade de vida (bairro e cidade)	-0,031
Índice de avaliação qualidade de vida no bairro	-0,064
2º bloco variação R ²	0,065
3º bloco variação R ²	0,064
R² ajustado	0,492
N (mínimo)	545

Análise de regressão linear, método Enter block-by-block. Os valores são coeficientes de regressão estandardizados (betas), assinalados quando estatisticamente significativos: * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001.

Especificamente em relação aos **assuntos da cidade**, a grande maioria dos residentes de Lisboa afirma que raramente ou nunca recebe informação sobre iniciativas promovidas pela Câmara Municipal, sendo que só 5,1% a recebem frequentemente, uma proporção que sobe no entanto para 27,4% quanto a iniciativas da Junta de Freguesia (médias de 1,65 e 2,55 respectivamente). Os inquiridos com idades entre 50 e 64 anos são os que mais referem ter recebido informação, tanto da Junta de Freguesia como da Câmara Municipal, destacando-se os com 75 e mais anos como os menos informados.

Quadro 43: Informação sobre iniciativas da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal por escalões etários (médias).

	Junta de Freguesia	Câmara Municipal
	$F(3, 1469) = 10,594; p = 0,000 \leq 0,05$	$F(3, 1469) = 3,712; p = 0,011 \leq 0,05$
≤ 49 anos	2,43 ^{b³⁴}	1,68
De 50 a 64 anos	2,82 ^{ad}	1,71 ^d
De 65 a 74 anos	2,63	1,56
≥ 75 anos	2,41 ^b	1,48 ^b
Total	2,55	1,65

1- Nunca; 2- Raramente; 3-Algumas vezes; 4 -Frequentemente.

Quadro 44: Informação sobre iniciativas da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal por escalões etários (frequências).

		≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Junta de Freguesia	Nunca	221	30,3	68	18,5	47	22,9	56	32,9	392	26,6
	Raramente	153	21,0	59	16,0	40	19,5	30	17,6	282	19,1
	Algumas vezes	178	24,4	114	31,0	60	29,3	43	25,3	395	26,8
	Frequentemente	178	24,4	127	34,5	58	28,3	41	24,1	404	27,4
	Total	730	100,0	368	100,0	205	100,0	170	100,0	1473	100,0
Câmara Municipal	Nunca	405	55,7	201	54,8	129	63,2	116	68,2	851	58,0
	Raramente	191	26,3	91	24,8	46	22,5	30	17,6	358	24,4
	Algumas vezes	91	12,5	54	14,7	18	8,8	21	12,4	184	12,5
	Frequentemente	40	5,5	21	5,7	11	5,4	3	1,8	75	5,1
	Total	727	100,0	367	100,0	204	100,0	170	100,0	1468	100,0

Conforme se observa nos quadros seguintes, a participação dos residentes de Lisboa em sessões ou em assembleias públicas da Câmara Municipal é muito baixa (menos de 9% o fez alguma vez e só 1,2% o faz frequentemente), sendo pouco maior em sessões da Junta de Freguesia (médias de 1,14 e 1,23 respectivamente). A este último nível há, em todo o caso, diferenças etárias, com os Lisboetas de menos de 50 anos a destacar-se como aqueles que menos participam (89,9% nunca foi a sessões da Junta de Freguesia, um valor que desce para 81,1% entre os de 50 a 64 anos). Parece assim existir uma relação virtuosa entre informação e participação, que pode e deve servir de base às relações entre a autarquia e os munícipes mais velhos.

³⁴ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Quadro 45: Participação em sessões/assembleias públicas da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal por escalões etários (médias).

	Junta de Freguesia	Câmara Municipal
	$F(3, 1473) = 5,271; p = 0,001 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	1,17 ^{b³⁵}	1,13
De 50 a 64 anos	1,31 ^a	1,19
De 65 a 74 anos	1,29	1,11
≥ 75 anos	1,25	1,07
Total	1,23	1,14

1- Nunca; 2-Raramente; 3- Algumas vezes; 4-Frequentemente.

Quadro 46: Participação em sessões/assembleias públicas da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal por escalões etários (frequências).

		≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Junta de Freguesia	Nunca	658	89,9	301	81,1	170	82,1	143	85,6	1272	86,1
	Raramente	38	5,2	33	8,9	16	7,7	12	7,2	99	6,7
	Algumas vezes	24	3,3	29	7,8	18	8,7	7	4,2	78	5,3
	Frequentemente	12	1,6	8	2,2	3	1,4	5	3,0	28	1,9
	Total	732	100,0	371	100,0	207	100,0	167	100,0	1477	100,0
Câmara Municipal	Nunca	671	92,2	326	88,1	186	90,7	159	95,2	1342	91,3
	Raramente	29	4,0	24	6,5	15	7,3	6	3,6	74	5,0
	Algumas vezes	18	2,5	14	3,8	4	2,0	1	0,6	37	2,5
	Frequentemente	10	1,4	6	1,6	0	0,0	1	0,6	17	1,2
	Total	728	100,0	370	100,0	205	100,0	167	100,0	1470	100,0

(a) Mais de 20% das células da tabela com frequência esperada inferior a 5, pelo que os resultados do Qui-quadrado podem não ser válidos.

A percentagem de inquiridos que discutem assuntos relacionados com o seu bairro ou zona de residência com os seus vizinhos com frequência (muitas ou algumas vezes) é de 32,9%, sendo em média aqueles que têm entre 50 e 64 anos os mais activos e interessados, ao contrário de quem tem mais de 75 anos. A participação em acções, acontecimentos ou actividades culturais, recreativas ou desportivas no bairro é, todavia, algo menos frequente, reduzindo-se a 26,4% a proporção dos seniores lisboetas que alguma vez o fizeram, uma percentagem que tende a baixar com a idade embora de modo não significativo.

³⁵ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Quadro 47: Discussão de assuntos e participação em iniciativas no bairro por escalões etários (médias).

	Discuti assuntos relacionados com o seubairro/ zona de residência com os seus vizinhos	Participou em acções/acontecimentos/actividades culturais/recreativas/desportivas no seubairro
	$F(3, 1478) = 2,747; p = 0,042 \leq 0,05$	<i>n.s.</i>
≤ 49 anos	1,95	1,49
De 50 a 64 anos	2,06 ^{d³⁶}	1,43
De 65 a 74 anos	1,97	1,41
≥ 75 anos	1,79 ^b	1,30
Total	1,96	1,44

1-Nunca; 2-Raramente; 3-Algumas vezes; 4-Muitas vezes.

Quadro 48: Discussão de assuntos e participação em iniciativas no bairro por escalões etários (frequências).

		≤ 49 anos		De 50 a 64 anos		De 65 a 74 anos		≥ 75 anos		Total	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Discussão assuntos com vizinhos	Nunca	343	46,5	146	39,6	98	47,6	93	54,7	680	45,9
	Raramente	155	21,0	88	23,8	41	19,9	31	18,2	315	21,3
	Algumas vezes	175	23,7	103	27,9	42	20,4	35	20,6	355	24,0
	Muitas vezes	64	8,7	32	8,7	25	12,1	11	6,5	132	8,9
	Total	737	100,0	369	100,0	206	100,0	170	100,0	1482	100,0
Participação acções/ acontecimentos/activ.	Nunca	526	71,9	271	73,4	151	74,0	136	81,0	1084	73,6
	Raramente	84	11,5	50	13,6	28	13,7	19	11,3	181	12,3
	Algumas vezes	92	12,6	34	9,2	20	9,8	8	4,8	154	10,5
	Muitas vezes	30	4,1	14	3,8	5	2,5	5	3,0	54	3,7
	Total	732	100,0	369	100,0	204	100,0	168	100,0	1473	100,0

Com base nestes três últimos conjuntos de indicadores (informação sobre iniciativas; frequência de participação em reuniões, e discussão de assuntos relacionados com o bairro/zona de residência) foi construído um **índice de activismo urbano**. A síntese desses resultados mostra-nos que, em média, os residentes de Lisboa se envolvem raramente em assuntos relativos à vida e à organização política da cidade. Os inquiridos com idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos são quem mais se interessa por esses assuntos. O activismo urbano entre os seniores (50+) é idêntico entre homens e mulheres, estando mais presente nos inquiridos mais escolarizados (secundário completo e ensino superior) e que se auto-posicionam na classe média-alta ou alta).³⁷

³⁶ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffé, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

³⁷ Nesta caracterização demográfica e socioeconómica excluíram-se os inquiridos com idade igual ou inferior a 49 anos.

Quadro 49: Índice de activismo urbano por escalões etários.

	$F(3, 1487) = 5,633; p = 0,001 \leq 0,05$
≤ 49 anos	1,65
De 50 a 64 anos	1,75 ^{d³⁸}
De 65 a 74 anos	1,67
≥ 75 anos	1,55 ^b
Total	1,67

1- Nunca; 2- Raramente; 3-Algumas vezes; 4 –Muitas vezes.

A análise multivariada destinada a conhecer os factores preditores do activismo urbano entre os seniores de Lisboa (quadro 50) revela, porém, que nem o sexo nem a idade, nem tão pouco a escolaridade ou a classe social subjectiva, são afinal relevantes para explicar esta modalidade de participação cívica. Em vez disso, a maior socialização política secundária e o índice de *responsiveness* (iniciativa e resposta) estão positivamente associadas ao exercício do activismo urbano. Por outras palavras, ao contrário do que acontece habitualmente com as diferentes modalidades de envolvimento cívico, não se trata de um efeito da composição sócio-demográfica da população inquirida mas sim do seu perfil político-cultural. São ainda factores preditores do activismo urbano, os comportamentos associativos e de auto-mobilização, mas não o voto (tal como de resto se observa em sentido inverso). Medidas de avaliação da qualidade de vida não apresentam, mais uma vez, relação com esta variável de participação cívica, o mesmo sucedendo com a zona de residência.

³⁸ Grupos que são significativamente diferentes entre si (teste de Scheffe, $p \leq 0,05$); (a) Até 49 anos, (b) De 50 a 64 anos, (c) De 65 a 74 anos, (d) Igual ou superior a 75 anos.

Quadro 50: Preditores do activismo urbano (áreas de residência e qualidade de vida incluídas) (50+).

	Activismo Urbano
Género (feminino)	0,067
Idade	0,030
Escolaridade	-0,103
Situação profissional (trab. qualificado)	-0,049
Classe social subjectiva	-0,020
Socialização política primária	-0,042
Socialização política secundária	0,153 ***
Zona ocidental (arco ribeirinho, charneira ocidental)	-0,007
Centro (centro histórico, expansão central terciária)	-0,046
Zona oriental (charneira, periferia oriental) [categoria de referência]	--
Expansão residencial 50/ 60	-0,117
Expansão residencial 60/ 70	-0,026
Expansão residencial 80/ 90	-0,013
Periferia norte	0,061
Auto-posicionamento (Esquerda-Direita)	0,045
Mobilização cognitiva	0,087
Confiança Interpessoal	-0,011
Exposição aos <i>media</i> informativos	0,037
Eficácia política	-0,028
<i>Responsiveness</i> (iniciativa e resposta)	0,103 *
Índice de auto-mobilização	0,150 **
Índice de associativismo	0,310 ***
Voto (Legislativas)	-0,020
Voto (Autárquicas)	0,057
Índice de avaliação qualidade de vida no bairro	0,056
Avaliação presente da qualidade de vida (cidade)	0,027
2º bloco variação R ²	0,018
3º bloco variação R ²	0,041
4º bloco variação R ²	0,101
R² ajustado	0,234
N (mínimo)	533

Análise de regressão linear, método Enter block-by-block. Os valores são coeficientes de regressão estandardizados (betas), assinalados quando estatisticamente significativos: * p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001.

Um último indicador do envolvimento político da população lisboeta é a participação ou não nos actos eleitorais, concretamente nas eleições legislativas e autárquicas imediatamente anteriores ao momento deste estudo. Ora, verifica-se que a participação eleitoral revela uma relação muito fraca (legislativas de 20 de Fevereiro de 2005) ou mesmo nula (autárquicas de 9 de Outubro de 2005) com os índices de associativismo, auto-mobilização e activismo urbano, assim como as próprias avaliações da qualidade de vida. Apenas a socialização primária e o posicionamento ideológico à esquerda estão significativamente relacionados com a participação nas

eleições legislativas de 2005, todavia com sinal negativo. Como já foi sugerido, parece haver um «divórcio» entre o envolvimento cívico e a participação eleitoral, como se se tratasse, no limite, de duas dimensões distintas da cidadania.

Quadro 51: Preditores do voto (eleições Legislativas e Autárquicas) – incluindo qualidade de vida (50+).

	Voto Legislativas (20/02/2005)	Voto Autárquicas (09/10/2005)
Género (feminino)	-0,003	-0,017
Idade	0,057	0,059
Escolaridade	0,068	0,097
Situação profissional (trab. qualificado)	0,043	0,053
Classe social subjectiva	0,077	-0,021
Socialização primária	-0,117*	-0,070
Socialização secundária	0,012	0,018
Auto-posicionamento (esquerda-direita)	-0,104*	-0,075
Mobilização cognitiva	-0,016	-0,042
Confiança interpessoal	-0,008	-0,009
Exposição aos <i>media</i>	0,081	0,031
Eficácia política	-0,030	-0,026
Iniciativa e resposta política	-0,011	0,032
Índice de auto-mobilização	-0,015	-0,036
Índice de associativismo	0,080	0,096
Índice de activismo urbano	0,038	0,064
Avaliação presente da qualidade de vida (bairro e cidade)	-0,048	0,009
Índice de avaliação qualidade de vida no bairro	0,003	-0,016
2º bloco variação R^2	0,010	0,002
3º bloco variação R^2	0,000	0,003
R^2 ajustado	0,023	0,008
n (mínimo)	537	534

Análise de regressão linear, método Enter block-by-block. Os valores são coeficientes de regressão estandardizados (betas), assinalados quando estatisticamente significativos: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

■■■ *Relação entre qualidade de vida, participação cívica e capital social*

Finalmente, no que diz respeito à eventual relação entre, por um lado, os vários índices de participação cívica analisados e, por outro, a percepção da qualidade de vida entre os seniores, as análises de regressão linear múltipla efectuadas não revelaram efeitos independentes dignos de nota, nem, como anteriormente se viu, quando se mediu o potencial impacto dos indicadores relevantes de qualidade de vida (avaliação global a nível de cidade e de bairro, bem como o índice baseado na avaliação das características do bairro/zona de residência) como preditores do associativismo, da auto-mobilização e do activismo urbano, conforme era de esperar; nem tão pouco no sentido inverso, já que as práticas de participação cívica e o correspondente capital social também não revelaram ter efeitos muito significativos sobre as avaliações que as pessoas de 50+ anos fazem sobre a qualidade de vida no seu bairro e na cidade de Lisboa em geral, conforme acontece noutras cidades e como havíamos hipotizado. Estes resultados acabam por tornar a dimensão da qualidade de vida, tal como foi possível medi-la, em algo associado à elevada identificação com a cidade e os bairros e, por conseguinte, relativamente indiferente às propriedades objectivas da população sénior lisboeta.

Em compensação, alguns atributos sócio-demográficos e determinadas áreas de residência revelam possuir algum impacto na avaliação da qualidade de vida, remetendo em última instância para o estatuto social dos inquiridos. Assim, no quadro seguinte (quadro 52), que explora os eventuais preditores da qualidade de vida, observa-se que as variâncias explicadas são muito baixas, apesar de haver um número considerável de indicadores com impacto alternado sobre as três variáveis dependentes. A classe social subjectiva dos inquiridos está, aliás, presente nos três modelos empíricos: quanto mais elevada, *ceteris paribus*, melhor a avaliação da sua qualidade de vida, o que faz sentido. O mesmo se diga para o impacto de duas das áreas de residência sobre o índice de qualidade de vida do bairro, a saber, negativo na «periferia norte» e positivo na «área de expansão residencial dos anos 1950-60».

Do ponto de vista da nossa hipótese inicial, segundo a qual seria de esperar uma relação significativa positiva entre uma ou várias das modalidades de exercício da cidadania sobre a qualidade de vida, só no caso da auto-mobilização se verifica um

modesto peso como preditor da avaliação subjectiva da qualidade de vida do bairro; contudo o sentido da predição é negativo (-0,124*), o que significaria que a avaliação, mas não a qualidade de vida propriamente dita, é tanto pior quanto mais auto-mobilizadas são as pessoas (que revelam, simultaneamente, possuir capitais escolares e sociais elevados associados). A ser assim, a conclusão vai no sentido de o descontentamento ser, como era previsível, o motor da mobilização, mas esta última parece, em contrapartida, estar apenas ao alcance de seniores com elevado estatuto sócio-cultural.

Quadro 52: Preditores da avaliação da qualidade de vida (áreas de residência incluídas) (50+).

	Índice avaliação de qual. vida no bairro	Avaliação presente qual. vida - bairro	Avaliação presente qual. vida - cidade
Género (feminino)	0,006	0,061	0,021
Idade	0,055	-0,081	-0,004
Escolaridade	0,031	0,183**	-0,051
Situação profissional (trab. qualificado)	0,103*	0,042	0,027
Classe social subjectiva	0,109*	0,182**	0,106*
Socialização primária	0,037	0,051	0,019
Socialização secundária	-0,034	-0,086	-0,007
Zona ocidental (arco ribeirinho, charneira ocidental)	0,064	0,092	-0,018
Centro (centro histórico, expansão central terciária)	-0,035	0,068	0,095
Zona oriental (charneira, periferia oriental)	0,000	0,000	0,000
Expansão residencial 50/ 60	0,115*	0,005	0,029
Expansão residencial 60/ 70	0,039	0,045	-0,015
Expansão residencial 80/ 90	0,062	0,082	-0,044
Periferia norte	-0,114*	0,075	0,043
Auto-posicionamento (esquerda-direita)	-0,018	-0,009	0,073
Mobilização cognitiva	-0,024	0,030	0,018
Confiança interpessoal	0,058	0,060	0,090*
Exposição aos <i>media</i>	0,001	0,013	0,061
Eficácia política	-0,080	-0,072	-0,098*
Iniciativa e resposta política	0,097*	0,028	-0,036
Índice de auto-mobilização	-0,114	-0,124*	-0,049
Índice de associativismo	-0,007	-0,004	-0,044
Índice de activismo urbano	0,079	0,061	0,050
2º bloco variação R^2	0,024	0,010	0,005
3º bloco variação R^2	0,007	0,000	0,015
4º bloco variação R^2	0,005	0,005	0,000
R^2 ajustado	0,052	0,127	0,015
n (mínimo)	614	614	544

Análise de regressão linear, método Enter block-by-block. Os valores são coeficientes de regressão standardizados (betas), assinalados quando estatisticamente significativos: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$; *** $p < 0,001$.

■■■ *Conclusão*

O presente estudo abordou múltiplos aspectos do contexto de vida urbano e das características e práticas dos residentes na cidade de Lisboa, com particular incidência na análise dos processos de formação de capital social e na avaliação subjectiva da qualidade de vida das pessoas com mais de 50 anos. Sem pretensão de exaustividade, nesta conclusão sintetizam-se alguns dos principais resultados apresentados, destacando elementos de diagnóstico úteis para a definição de estratégias de actuação relativas aos principais eixos de análise subjacentes:

- a promoção de ambientes mais favoráveis ao envelhecimento e potenciadores da qualidade de vida e de saúde da população de Lisboa;
- o incremento da participação dos seniores, encorajando o seu envolvimento nas múltiplas esferas da vida: económica, social, cultural, cívica e política;
- a consideração sistemática de factores sócio-demográficos enquanto determinantes transversais dos fenómenos em apreço.

Enquadramento sócio-demográfico

Com cerca de metade da população de idade igual ou superior a 50 anos, um quarto de residentes com 65 e mais anos e mais de um terço dos agregados familiares com elementos nesta faixa etária, Lisboa *Lisboa cidade envelhecida* é uma cidade claramente envelhecida, na qual as questões ligadas às necessidades, aspirações e potencialidades das pessoas mais velhas, bem como as implicações do envelhecimento populacional, justificam, pois, especial atenção.

Nas faixas etárias mais avançadas predominam as mulheres, que representam quase dois terços das pessoas idosas de Lisboa: um fenómeno típico do envelhecimento populacional, que sublinha a importância de atentar ao modo diferencial como esta etapa da vida é vivida no feminino e às prováveis vulnerabilidades acrescidas das mulheres idosas, com a consequente adaptação de políticas e intervenções numa óptica de **género**. Embora esta seja uma questão insuficientemente estudada, como aponta por exemplo o Relatório para Portugal do Projecto Europeu MERI, “a análise dos dados disponíveis revela uma forte diferenciação negativa da situação material das mulheres das actuais gerações mais idosas, designadamente em termos de rendimentos e

habitação, a par de um maior desfavorecimento face à mobilidade, da sobre-representação nas situações de incapacidade e de uma maior utilização dos serviços de saúde, com uma auto-apreciação da situação de saúde fortemente negativa. (...) As pessoas com 65 e mais anos são um grande grupo de risco face à pobreza, estando as mulheres sobre-representadas tanto na pobreza segundo o rendimento como na pobreza múltipla”.³⁹

Outra característica dos seniores de Lisboa que merece destaque é o baixo nível de **escolaridade** prevalecente: embora este seja um plano em que se pode antever uma melhoria da situação nos “futuros idosos”, mais de metade da actual geração dos 65+ anos de Lisboa tem escolaridade igual ou mesmo inferior ao 1º Ciclo, o que representa uma relevante dimensão de desvantagem potencial em múltiplos planos.

Importantes vulnerabilidades sócio-económicas nas actuais gerações de residentes idosos

O quadro de fragilidade sócio-económica da população sénior é reforçada, nesta vertente, pelo indicador de **classe social subjectiva**, segundo o qual quase metade dos idosos da cidade se coloca numa classe baixa ou média-baixa. Mais uma vez, esta é uma área em que se poderá assistir a uma melhoria gradual nos anos vindouros, já que os residentes mais jovens apresentam uma posição social mais favorável. No entanto, e de imediato, terão de ser considerados os importantes riscos que a condição de desvantagem sócio-económica representará, quer para a qualidade de vida e bem-estar, quer para a saúde dos seniores lisboetas.⁴⁰

³⁹ Síntese do relatório MERI – Portugal, p. 3 - <http://www.own-europe.org/History/meri/pdf/summary-portugal.pdf>. O sistema de cálculo do Índice de Pobreza Múltipla referenciado traduz a incidência simultânea de dois tipos de pobreza, identificados respectivamente pelos Índice de Pobreza segundo o Rendimento (IPR) e o Índice de Pobreza segundo as Condições de Vida (IPCV). Enquanto o IPR se baseia na receita líquida total, a qual incorpora rendimentos monetários e não monetários, o IPCV “incorpora informação relativa essencialmente à privação de condições adequadas de alojamento, de bens de equipamento e meios de transporte” (INE, 2002 – Mulheres e Homens de Portugal nos anos 90).

⁴⁰ Corroborando genericamente o que tem sido observado na literatura internacional, o estudo de Almeida (2009), por exemplo, encontra extensas e sistemáticas desvantagens da população idosa nacional associadas à posição social, em indicadores tão diversos como a saúde auto-avaliada, incapacidade, participação cívica, redes sociais ou bem-estar psicológico/saúde mental - para além das mais óbvias implicações em termos de condições materiais de vida (e.g. habitação, transporte, acesso a tecnologias/equipamentos).

Condições de Vida na cidade de Lisboa

• Habitação

Quanto à **situação de habitação**, se é verdade que uma proporção muito importante dos habitantes da capital com 50+ anos reside em casa própria (quase todos já sem encargos bancários após os 65 anos), é muito significativa também a percentagem de pessoas nas faixas etárias mais elevadas com contratos de aluguer antigos. Este quadro é, pois, globalmente positivo em termos financeiros no que respeita à segurança habitacional, mas tem implicações menos positivas no que se refere, muitas vezes, ao estado de degradação das habitações. Tanto mais quando, como seria expectável, esta população idosa tende a viver em edifícios de **antiguidade** assinalável (só pouco mais de um terço dos idosos tem habitações com menos de 4 décadas), onde reside em geral há já muito tempo.

A segurança da situação de habitação de muitos idosos e a satisfação com características da sua casa são aspectos favoráveis a valorizar

Ainda que a apreciação dos inquiridos nas várias faixas etárias seja tendencialmente positiva quanto às **características** da sua habitação, a conjugação de edifícios antigos, com contratos de arrendamento de baixo valor e/ou fracos rendimentos dos inquilinos/proprietários idosos, antecipa os expressivos problemas no **estado de conservação** das habitações que afectam sobremaneira os muito idosos (cerca de 1/3 dos quais assinala a necessidade de médias ou grandes obras de conservação das suas habitações). A degradação do parque habitacional é, por conseguinte, uma área que exige especial atenção, pelas suas graves implicações para a saúde, segurança, independência e qualidade de vida deste grupo da população, que aliás não deixa de avaliar muito negativamente a acentuada degradação do parque habitacional da cidade.

A antiguidade dos edifícios, conjugada com fracos recursos económicos e reduzida mobilidade residencial, expõe os mais velhos a situações de degradação da habitação e potenciais problemas de acessibilidade a que poderão não conseguir fazer face

As frequentes situações de residência em andares sem elevador sinalizam potenciais problemas a nível da acessibilidade, a que possivelmente se juntam outras barreiras e riscos para pessoas de mobilidade reduzida/incapacidade, prováveis neste tipo de habitações e possivelmente subavaliados por uma população ainda pouco alertada para estes temas e com fracos recursos para lhes fazer face. Por outro lado, é de

sublinhar que as consequências para a saúde física, mental e bem-estar, associadas às condições de habitação, tenderão ser acentuadas em grupos de pessoas que, como se confirmou ser aqui o caso, passam grande parte do seu tempo em casa.

● Mobilidade e Transportes

As questões da mobilidade e dos transportes são outra área em que as condições ambientais podem exercer influência relevante sobre a saúde, independência, participação e qualidade de vida dos cidadãos idosos.

É reduzida a dependência do automóvel entre os lisboetas idosos. Os transportes públicos são de especial importância para os cidadãos de 65+ anos

A este nível, os residentes da cidade de Lisboa com mais de 65+ anos destacam-se pelo uso muito menor que fazem do **automóvel** relativamente à população mais jovem e também pela sua dependência, largamente maioritária, em relação aos **transportes públicos** para as suas deslocações quotidianas (sobretudo autocarro, embora também Metro para uma proporção ainda importante), aumentando expressivamente, após os 74 anos, o peso das deslocações a pé (30%).

Sendo esta uma tendência positiva (atendendo às implicações para a saúde e até para a sociabilidade dos residentes e, mais genericamente, para o ambiente, tráfego urbano, etc.), ela apela, em contrapartida, a uma atenção reforçada à acessibilidade e adaptação dos transportes públicos à população idosa, bem como dos espaços de uso colectivo e circulação para peões, que deverão reunir condições de acessibilidade, segurança e atractividade adequadas não só aos idosos, mas também a pessoas com mobilidade reduzida ou outras formas de incapacidade.

Neste contexto é de assinalar que, como se discute noutra ponto, a **avaliação** global que os lisboetas fazem dos transportes públicos não é negativa. Em média, a avaliação é neutra, para o conjunto da cidade, sem diferenças entre grupos etários, tendendo as pessoas inclusive a concordar que a zona onde residem é bem servida a este nível.

Quanto à existência de boas condições para andar a pé, as opiniões também são em média neutras, tanto com referência à cidade em geral como ao bairro de residência – sendo neste último caso o grupo dos 65-74 anos menos positivo do que os residentes com menos de 50 anos. Tal poderá dever-se a uma maior sensibilidade deste grupo aos problemas de acessibilidade, sendo a falta de **condições para as pessoas com mobilidade reduzida** uma das apreciações que reúne maior consenso e convicção na descrição que todos os grupos etários fazem da cidade de Lisboa.

As condições de acessibilidade na cidade, nomeadamente para pessoas com mobilidade reduzida, destacam-se pela negativa

● Outras Dimensões do Ambiente Urbano

Os Lisboetas sentem-se em geral identificados com a sua cidade. Se tal **identificação** se apresenta independente da idade, já a ligação com o seu próprio bairro/zona de residência tenderá a aumentar nos grupos etários sucessivamente mais avançados – tornando-se depois dos 65 anos inclusive mais importante tal conexão local (embora de forma pouco expressiva), do que o sentimento de pertença à cidade de Lisboa. Corroborar-se assim o que outros estudos e autores têm assinalado quanto à relevância acrescida que o contexto de vida urbana mais próximo poderá assumir para os mais velhos, por razões que poderão ir da menor mobilidade geográfica quotidiana e a maior dependência dos recursos locais até à afectividade resultante de um maior tempo de residência local. Quer atendendo a tal afinidade expressa, quer pelas documentadas influências que o ambiente sócio-físico local pode exercer sobre a saúde, independência e bem-estar dos idosos, importa pois emprestar especial atenção às condições (objectivas e percebidas) da cidade e, mais ainda, do bairro de residência, com vista a assegurar que estes sejam ambientes favoráveis e promotores de um envelhecimento saudável, activo e de plena cidadania.

A ligação ao bairro de residência é maior nos cidadãos mais velhos

É neste sentido positiva a constatação de que a **avaliação subjectiva global** da qualidade de vida dos Lisboetas tenda a ser mais favorável a nível de bairro do que para a cidade como um todo, se bem que as diferenças sejam pouco marcadas, ficando em média, em ambos os

Seniores e idosos tendem a considerar “razoável” a qualidade de vida em Lisboa, com avaliações um pouco mais favoráveis para o seu próprio bairro

casos, por uma apreciação global de “razoável”. Em contrapartida, é de destacar que tal avaliação não só tende a ser menos positiva nos grupos etários mais avançados (i.e., após os 64 anos), como a **percepção da evolução** da situação é também mais desfavorável neste grupo, sobretudo entre os de 65-74 anos, ainda que a avaliação da evolução também seja mais negativa para a cidade do que para o bairro, onde a percepção de manutenção/melhoria é, mesmo assim, mais frequente do que a de agravamento da qualidade de vida.

Quanto a **dimensões específicas de qualidade de vida**, a diversidade de áreas contempladas no estudo torna qualquer tentativa de síntese e destaque necessariamente parcial e subjectiva, não dispensado análise mais detalhada dos resultados obtidos. Ponto de partida relevante são os **aspectos valorizados** como muito importantes para a qualidade de vida na capital: Serviços de saúde; Segurança e policiamento nas ruas; Transportes públicos; Limpeza urbana; Oportunidades de emprego; Espaços verdes; Qualidade do ar; Escolas/ Infantários/ ATL. É interessante observar a tendência para a unanimidade entre os residentes das várias idades quanto à importância destas dimensões. Entre elas, só as questões da segurança/policiamento serão mais valorizados pelos cidadãos de 65-74 anos, por comparação com os de menos de 50, constatação aliás concordante com a literatura internacional e nacional (v.g. Almeida, 2009), que revela ser a população idosa mais vulnerável ao medo do crime, embora possa ser até menos frequentemente vítima dele.

Serviços de saúde; Segurança; Transportes Públicos; Limpeza Urbana, Emprego; Espaços verdes; Qualidade do ar e Equipamentos de Infância são muito importantes para os residentes de qualquer idade

Já quanto à **satisfação** com estas várias vertentes da vida na cidade de Lisboa, são mais frequentes as diferenças na percepção entre residentes das várias faixas etárias, sendo o contraste mais acentuado entre os que têm menos de 50 anos e os restantes grupos, no sentido quase sempre de uma maior satisfação dos mais novos. Isso mesmo se passa, por exemplo, com as questões da segurança/policiamento, oportunidades de emprego e limpeza urbana, das quais os seniores fazem avaliação mais desfavorável, embora todos os grupos etários tendam a fazer uma avaliação negativa destes aspectos. Tendo em conta que os idosos lhes atribuem muito peso, como se viu, estas dimensões merecem especial

Reabilitação de Edifícios, Segurança e Policiamento, Limpeza urbana e Poluição atmosférica são algumas das áreas que devem merecer especial atenção na intervenção urbana

atenção em termos de intervenção, tal como, pela mesma razão, a recuperação de edifícios degradados, o acesso à habitação ou a qualidade do ar.

A importância destas vertentes é igualmente reforçada pelos resultados em termos de opiniões dos cidadãos sobre Lisboa em geral e sobre a zona de residência dos inquiridos. Assim, mais uma vez, se coloca a questão da **limpeza**, a que os mais velhos serão mais sensíveis, tendendo, depois dos 50, a avaliar a cidade como suja, embora no que toca à limpeza/recolha no seu bairro as opiniões sejam neutras (ainda que um pouco mais negativas entre os de 65-74 anos, por comparação com os adultos com menos de 50 anos). Quanto à percepção de **segurança**, só o grupo dos adultos mais jovens sente alguma segurança no seu bairro, com opiniões “neutras” mas que tendem, de novo, a ser cada vez menos favoráveis com o aumento da idade.

Também a **poluição** da cidade merece destaque por receber reconhecimento em todos os grupos etários, encontrando-se a qualidade do ar, como vimos, entre os aspectos mais valorizados para a qualidade de vida.

Uma observação ainda para as apreciações dos inquiridos quanto a diferentes tipos de **estruturas, serviços e actividades**, que tendem a ser apontados na literatura como relevantes para as pessoas mais velhas.

A **oferta de comércio e serviços**⁴¹, ainda que considerada importante para qualidade de vida, é dos aspectos comparativamente menos valorizados pelos inquiridos, independentemente da idade. Contudo, esta vertente é, simultaneamente com a disponibilidade de cafés/restaurantes, uma daquelas com as quais todas as faixas etárias revelam maior satisfação na cidade de Lisboa, com uma apreciação positiva da oferta a estender-se também ao nível do bairro.

A apreciação da disponibilidade de **equipamentos e actividades específicos para a população mais velha** só foi avaliada à escala da zona de residência, tendo a generalidade dos cidadãos expressado uma opinião neutra sobre as condições existentes.

⁴¹ Excluindo serviços de carácter social ou de saúde, avaliados por itens específicos.

A existência de **serviços de saúde**, que se encontra no topo das dimensões mais valorizadas, como se viu, é objecto satisfação intermédia na cidade de Lisboa.

Também em termos de **espaços verdes** as avaliações tendem para a neutralidade, quer na opinião sobre a sua suficiência no bairro de residência, quer na satisfação de que são alvo ao nível da cidade como um todo. Será de assinalar, por outro lado, que os cidadãos a partir dos 50 anos tendem a fazer a uma apreciação ligeiramente mais desfavorável acerca da existência em Lisboa de espaços de qualidade para actividades ao ar livre.

Já no que toca a oportunidades de lazer, em termos de locais para a **prática desportiva** ou **actividades culturais**, é de destacar a menor importância que lhes é atribuída pelos muito idosos (75 e mais anos), por comparação com a restante população adulta, baixa valorização consentânea com a reduzida frequência deste tipo de actividades por parte deste grupo etário, discutida a propósito da ocupação de tempos livres. Em compensação, os adultos mais jovens (<50 anos) tendem a mostrar-se mais satisfeito com estas dimensões, se bem que, mais uma vez, a apreciação de todos os grupos pouco se afaste da neutralidade.

Mais positivos são os resultados relativos a áreas da vivência urbana e qualidade de vida que remetem para dimensões de **redes e capital social**, às quais voltaremos na secção seguinte. É de destacar aqui a tendência para uma

A generalidade dos lisboetas, e em especial os mais velhos, considera haver boa vizinhança no seu bairro

concordância generalizada com a existência de boa vizinhança no bairro, sem conflitos nem problemas sociais. Esta é, aliás, a característica que mais consenso positivo reúne ao nível da zona de residência, fazendo os muito idosos uma apreciação ainda mais favorável do que os que não atingiram 50 anos. Já quanto à ocorrência de boa vizinhança e espírito de bairro ao nível da cidade em geral, as opiniões são menos claras, ainda que tendencialmente favoráveis, sobretudo, mais uma vez, entre os idosos e muito idosos. Neutras e uniformes para as várias faixas etárias são as percepções de exclusão/marginalização de minorias em Lisboa. Como o são também as apreciações sobre a disponibilidade de bons espaços de convívio/encontro, agora ao nível da zona de residência. Finalmente, é de assinalar a tendência para o reconhecimento de uma imagem positiva do bairro.

Actividades, Sociabilidade e Participação

A grande maioria dos residentes de Lisboa a partir dos 50 anos passa frequentemente o seu tempo livre **em casa**, numa proporção que ultrapassa os 86% entre os muitos idosos (mas que não chega aos 50% entre os adultos mais jovens).

As pessoas com mais de 50 anos ocupam o seu tempo livre sobretudo em casa

Atendendo a que a enorme maioria das pessoas idosas está reformada ou é doméstica, a casa torna-se assim, claramente, o principal local de permanência deste grupo da população.

A única das actividades consideradas que a maioria dos idosos tem, habitualmente, nos seus tempos livres é **estar com familiares ou amigos**. Mas ainda assim só até aos 74 anos, já que, entre os mais velhos, torna-se minoritário o grupo que convive com frequência (44%). Particularmente preocupante é a percentagem de pessoas que nunca tem contactos sociais desta natureza nos tempos livres: de cerca de 6% entre os 50 e 74 anos, passa-se a um quinto de indivíduos nesta situação após os 75 anos. Este aspecto requer averiguação adicional antes de se poderem traçar conclusões mais amplas sobre níveis de sociabilidade, até porque nem todos os tipos de interacções sociais são abrangidos por esta pergunta. Seja como for, conjugados com o facto de 16% dos idosos lisboetas com mais de 65 anos viverem sós, estes dados apontam para um problema de isolamento potencialmente importante para um grupo minoritário mas significativo desta população.

O convívio habitual com família e/ou amigos torna-se menos frequente entre os muito idosos

Ir ao **comércio tradicional/mercados** e a frequência de **espaços verdes** são actividades de lazer frequentes, contudo, para um grupo relevante de idosos, observando-se também aqui um padrão

A maioria dos idosos tende a não participar em actividades de tempos livres em espaços públicos que vão além da frequência de zonas verdes ou de comércio

etário semelhante de níveis de actividade, sem grandes diferença entre os 50 e 74 anos, mas com quebras mais evidentes a partir desta idade, em que há já de resto uma percentagem importante que nunca participa nestas actividades. Ainda que não seja ocupação habitual, os **centros comerciais** são apesar de tudo também frequentados, pelo menos ocasionalmente, por cerca de dois terços dos idosos.

Grande parte das restantes actividades analisadas destaca-se, em contrapartida, por nunca serem efectuadas pela maioria da população mais velha. Sejam elas **saídas** para os arredores de Lisboa (praia ou passeios); actividades **desportivas** (praticando ou assistindo, embora apesar de tudo as primeiras sejam mais frequentes, sobretudo até aos 74 anos); actividades **sociais informais exteriores**, como jantar fora ou animação nocturna; actividades **culturais** (visitas a museus/património histórico; ou cinema/teatro/espectáculos/exposições – estas últimas, sublinhe-se, nunca frequentados por $\frac{3}{4}$ das pessoas com mais de 75 anos), e a **participação cívica ou associativa** (surgindo neste último caso uma clivagem entre os inquiridos com mais ou menos de 65 anos e os demais grupos etários inferiores e superiores).

Assim, embora o inquérito não seja exaustivo, os dados obtidos são globalmente indicativos de um padrão de ocupação dos tempos livres e de modalidades de participação de baixa intensidade, com manifesta tendência para diminuir nas pessoas mais idosas, embora em algumas áreas se revelem debilidades partilhadas por idades/gerações mais novas. A melhoria desta situação, já observada também noutros estudos a nível nacional (v.g., Almeida, 2009), poderá passar por incentivar novos hábitos e interesses, preferencialmente começando em idades mais jovens, mas também por remover barreiras potenciais à participação deste grupo na oferta existente (e.g., custo, transporte, acessibilidade, horários, informação, companhia), e ainda por diversificar actividades, de modo a responder a apetências e capacidades distintas nestas gerações e fases da vida.

Participação Cívica e Política

Os dados relativos à **participação associativa** dos Lisboetas reforçam aquilo que os resultados relativos às ocupações de carácter cívico e comunitário já indicavam: os fracos níveis de envolvimento da população nestes domínios, que tendem ainda a reduzir-se mais depois dos 65 anos. Este fenómeno, já observado noutros estudos na Região Metropolitana de Lisboa e à escala nacional, obedece a uma clara padronização social, com diferenças significativas de participação entre os seniores em função do sexo e a posição social, favoráveis sobretudo aos grupos de mais elevada escolaridades e aos homens. O associativismo entre os seniores de Lisboa será também favorecido pela maior exposição aos media informativos. De assinalar, por outro lado, que os

vários grupos etários /gerações mostram apetências diversas quanto à natureza das associações em que mais participam.

Revelaram-se também baixos os níveis de envolvimento em **acções colectivas de participação mais informais**, como seja a presença em eventos de bairro de carácter cultural/recreativo/desportivo. Ou ainda os de “**activismo urbano**”, remetendo para o grau de

Há um défice de participação cívica dos lisboetas – seja em actividades de tipo individual, colectivo ou mesmo no envolvimento comunitário informal - que se acentua entre os idosos e varia com a posição social

informação sobre iniciativas autárquicas; a participação em sessões públicas da Junta de Freguesia ou Câmara; a discussão informal com vizinhos sobre assuntos relativos à zona de residência e a participação em iniciativas locais. Se também neste caso se observa que são os seniores de posição social mais elevada que tendem a envolver-se nestas práticas, tal parece ficar a dever-se mais a características político-culturais destes grupos (socialização política secundária; iniciativa e resposta política) do que a um efeito independente da escolaridade ou da classe social.

Neste panorama de défice generalizado de participação colectiva, ressaltam os valores algo mais favoráveis no grupo etário dos 50-64 anos, que pode configurar uma expectativa de melhoria nas faixas etárias idosas no futuro, caso represente uma nova tendência em gerações mais recentes. O reduzido envolvimento observado mesmo entre grupo etário aponta para a necessidade de um forte investimento nesta vertente se se pretender inverter a actual situação.

Outras vias abertas à participação, nomeadamente acções do foro individual de **auto-mobilização**, tendem igualmente a não ser prática corrente entre os residentes de Lisboa, embora mais do que no conjunto do país e com um padrão diferenciado por grupo etário, que se traduz, globalmente, pela redução da participação entre os grupos etários progressivamente mais velhos. A excepção é o donativo ou recolha de fundos para causas públicas, que se destaca entre estas formas de envolvimento por ser a mais comum, tendencialmente já alguma vez praticada pela generalidade dos cidadãos, e a única sem diferenças etárias.

Na explicação da participação genérica dos seniores em práticas de auto-mobilização cívica, os aspectos sócio-demográficos surgem como factores especialmente importantes, com o envolvimento a aumentar com a escolaridade. Papel também de relevo terão algumas experiências e características de cidadania política: socialização política primária; auto-posicionamento ideológica à esquerda; e iniciativa e resposta política.

Em suma, aos dados discutidos nas secções anteriores, indicativos de défices de participação dos idosos residentes em Lisboa nas dimensões económicas, culturais e sociais, acrescem agora indicações de participação igualmente limitada na esfera cívica e política, o que constitui um óbice conhecido à plena cidadania e integração social deste grupo da população, em particular quanto à sua capacidade para influenciar acções e decisões relativas a factores determinantes da sua saúde, bem-estar e qualidade de vida.

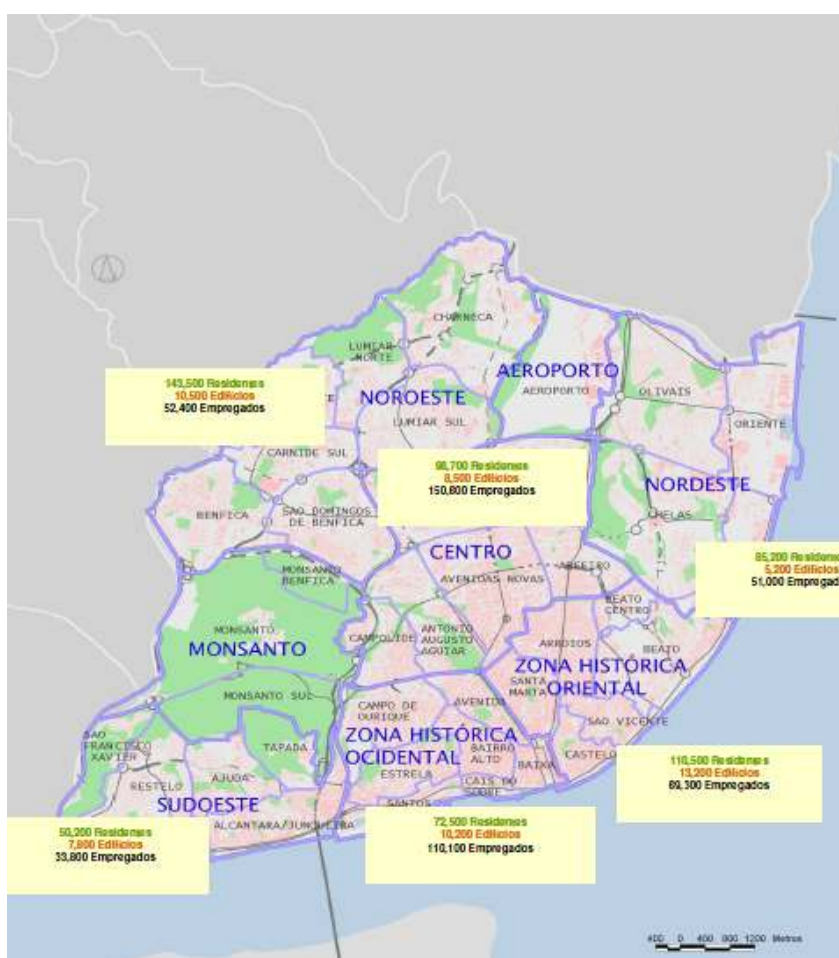
■■■ Metodologia

Com base na pesquisa bibliográfica e documental e nos resultados dos *Focus Groups*, elaborou-se 1 questionário destinado a uma amostra representativa da população residente em Lisboa (aplicação presencial); e outro a aplicar telefonicamente a uma pequena amostra da população da AML não-residentes na capital (Cabral e Schmidt, 2009).

No **questionário aos residentes** (num universo de residentes do concelho de Lisboa com 15 ou mais anos), a amostra de 1500 inquiridos – *no total, obtiveram-se 1504 inquéritos válidos e 24 desistências* – foi obtida através de uma selecção aleatória de lares, estratificada por população residente em 6 áreas distintas da cidade. O questionário (que se apresenta no Anexo 1) foi concebido de modo a não exceder, em média, 45 minutos (tempo de aplicação), e foi aperfeiçoado na sequência de pré-testes.

Foi seguido um procedimento de amostragem *multistage-area* aleatória:

- a. O concelho de Lisboa foi dividido em 6 áreas distintas: Zona Histórica Oriental, Zona Histórica Ocidental, Centro Terciarizado, Sudoeste, Nordeste e Noroeste.



Grandes Áreas Agregadas de Lisboa

(Estudos Urbanos Lisboa XXI e DMPU, CML 2004)

Grande Área de Lisboa	Bairros incluídos	Número de Residentes	Número de Edifícios	Número de Empregados
Zona Histórica Oriental	Toda a colina do Castelo e Alfama, Graça, São Vicente, Anjos e Arroios	111 mil	13,2 mil	69 mil
Zona Histórica Ocidental	Baixa e Chiado, Bairro Alto e Bica, Rato e Estrela e Campo de Ourique	73 mil	10,2 mil	110 mil
Centro Terciarizado	Saldanha, Avenidas Novas, Areeiro e Alvalade, Campo Grande	97 mil	8,5 mil	151 mil
Sudoeste	De Alcântara até Restelo, incluindo Ajuda, Junqueira e Belém	50 mil	7,8 mil	34 mil
Nordeste	De Beato até Parque das Nações, incluindo Olivais e Chelas	85 mil	5,2 mil	51 mil
Noroeste	Do Lumiar a Benfica, incluindo Telheiras, Carnide, São Domingos de Benfica, Galinheiras, Musgueira, Alto do Lumiar	144 mil	10,5 mil	52 mil

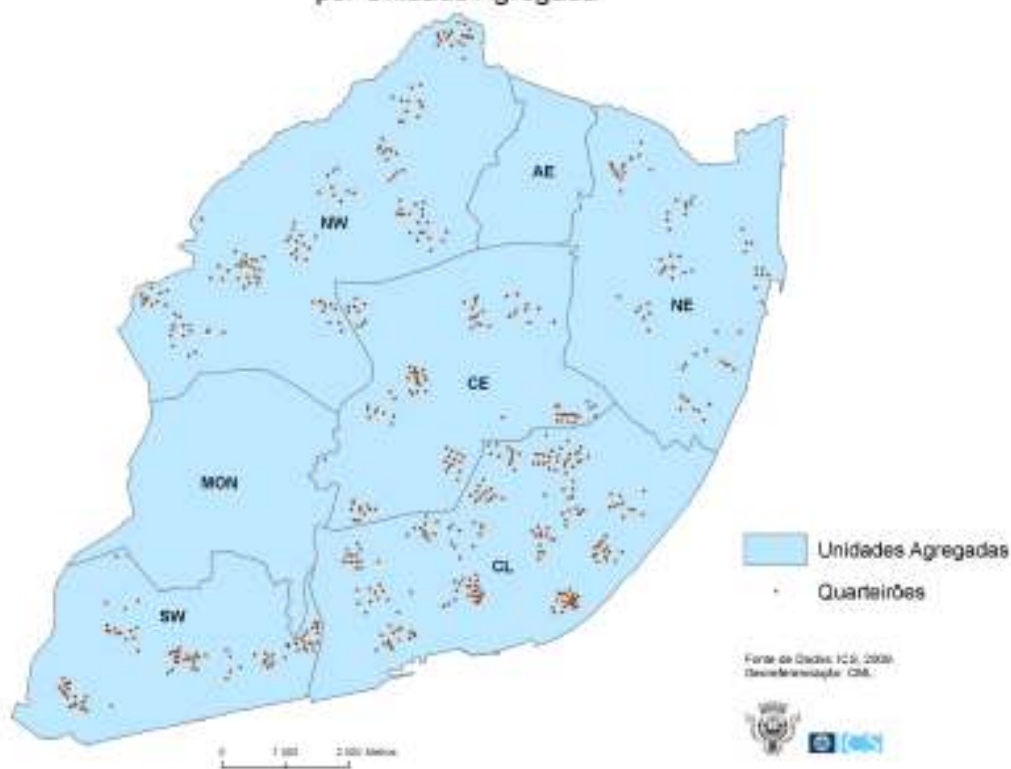
b. Em cada zona, foram escolhidos, por selecção aleatória de quadrículas em mapas numa única escala, pontos de início de caminho aleatório. O nº de pontos seleccionados em cada zona foi proporcional à distribuição de domicílios.

c. Para cada um desses pontos deslocou-se uma equipa constituída por um coordenador e 4 inquiridores. Definiram-se quatro rotas aleatórias, a fim de garantir uma igual probabilidade de selecção dos domicílios nas zonas adjacentes ao ponto seleccionado. Estabeleceu-se um passo sistemático para contagem e selecção de domicílios, na base da relação entre o nº de famílias na freguesia e o nº de inquéritos a realizar por inquiridos.

d. Os inquéritos realizaram-se ao fim de semana, entre as 10h e as 20h e durante a semana entre as 18h e as 20h.

e. Cada tentativa de contacto e seu desfecho foram identificados e registados, de forma a ser possível estimar taxas de resposta e de cooperação, assim como registar os domicílios nos quais nenhum membro do universo estava presente

Localização da residência dos inquiridos por bairro,
por Unidade Agregada



Grande Área de Lisboa	Abreviatura	Número de Inquiridos realizados
Zona Histórica Oriental	CL	478
Zona Histórica Ocidental		
Centro Terciarizado	CE	255
Sudoeste	SW	169
Nordeste	NE	220
Noroeste	NW	382
Total		1504

Nota: Na apresentação dos resultados do inquérito, os mapas incluídos no texto estão de acordo com a subdivisão territorial proposta no Relatório de Progresso de Novembro de 2009, do Instituto Superior de Economia e Gestão – ISEG, e não com estas Grandes Áreas Agregadas de Lisboa utilizadas no procedimento de amostragem. (Cabral e Schmidt, 2009)

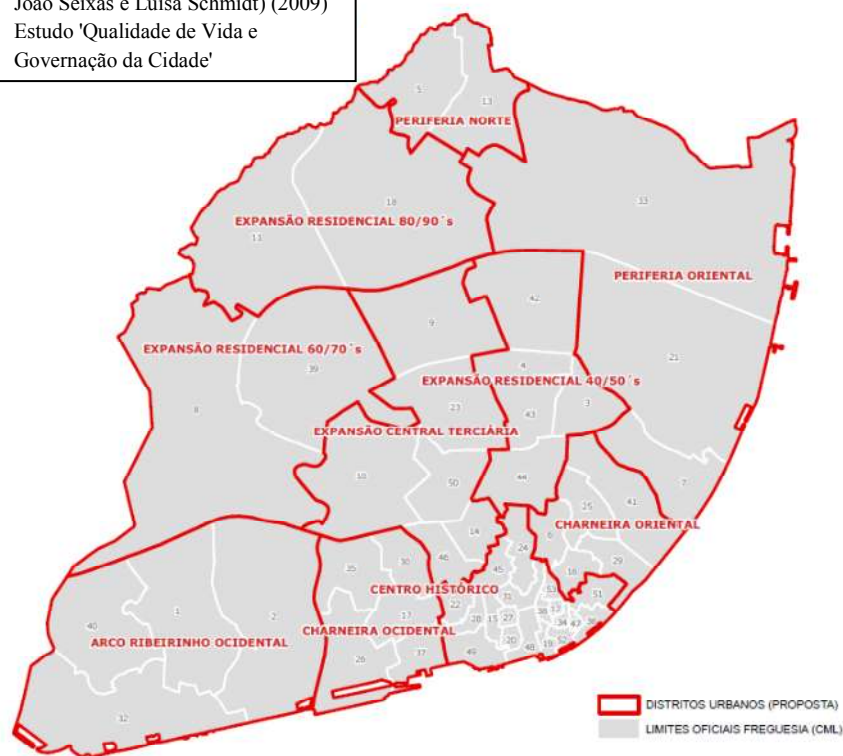
Subdivisão Territorial utilizada na apresentação dos resultados do inquérito

Subdivisão Territorial	Freguesias incluídas
Arco Ribeirinho Ocidental	Ajuda, Alcântara, Santa Maria de Belém, São Francisco Xavier
Charneira Ocidental	Lapa, Prazeres, Santa Isabel, Santo Condestável, Santos-o-Velho
Centro Histórico	Castelo, Encarnação, Madalena, Mártires, Mercês, Pena, Sacramento, Santa Catarina, Santa Justa, Santiago, Santo Estevão, São Cristovão e São Lourenço, São José, São Miguel, São Nicolau, São Paulo, São Vicente de Fora, Sé, Socorro
Charneira Oriental	Anjos, Graça, Penha de França, Santa Engrácia, São João
Periferia Oriental	Beato, Marvila, Santa Maria dos Olivais
Expansão Central Terciária	Campo Grande, Campolide, Coração de Jesus, N Sra. de Fátima, São Mamede, São Sebastião da Pedreira
Expansão Residencial 50/60's	Alto do Pina, Alvalade, São João de Brito, São João de Deus, São Jorge de Arroios
Expansão Residencial 60/70's	Benfica, São Domingos de Benfica
Expansão Residencial 80/90's	Carnide, Lumiar
Periferia Norte	Ameixoeira, Charneca

Algumas análises referem 7 zonas em vez de 10, correspondendo ao seguinte ao reagrupamento:

Arco Ribeirinho Ocidental, Charneira Ocidental	Zona ocidental
Centro Histórico, Expansão Central Terciária	Centro
Charneira Oriental, Periferia Oriental	Zona oriental

Mapa extraído de:
ISEG e ICS (coord. Augusto Mateus,
João Seixas e Luísa Schmidt) (2009)
Estudo 'Qualidade de Vida e
Governança da Cidade'



ID	NOME
1	Ajuda
2	Alcântara
3	Alto do Pina
4	Alvalade
5	Ameixoeira
6	Anjos
7	Beato
8	Benfca
9	Campo Grande
10	Campolide
11	Carnide
12	Castelo
13	Charneca
14	Coração de Jesus
15	Encarnação
16	Graça
17	Lapa
18	Lumiar
19	Madalena
20	Mártires II
21	Marvila
22	Mercês
23	Nossa Senhora de Fátima II
24	Pena
25	Penha de França
26	Prazeres
27	Sacramento
28	Santa Catarina
29	Santa Engrácia
30	Santa Isabel
31	Santa Justa
32	Santa Maria de Belém
33	Santa Maria dos Olivais
34	Santiago I
35	Santo Condestável
36	Santo Estevão
37	Santos-o-Velho
38	São Cristovão e São Lourenço
39	São Domingos de Benfica
40	São Francisco Xavier
41	São João
42	São João de Brito
43	São João de Deus
44	São Jorge de Arroios
45	São José
46	São Mamede
47	São Miguel
48	São Nicolau
49	São Paulo
50	São Sebastião e Beato II
51	São Vicente de Fora
52	Sé
53	Socorro

Bibliografia citada

- Almeida, M. F. (2007). “Envelhecimento: Activo? Bem sucedido? Saudável? Possíveis coordenadas de análise”. *Fórum Sociológico*, 17, 13-22.
- Almeida, M. F. (2009). *Promoção da saúde depois dos 65 anos: Elementos para uma política integrada de envelhecimento*. Lisboa: ENSP/UNL. Tese de doutoramento. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/4307>
- Cabral, M. V. (1997). *Cidadania política e equidade social*. Oeiras: Celta.
- Cabral, M. V. (2000). “O exercício da cidadania política em Portugal”, in M.V. Cabral, Vala, J. & J. Freire (orgs.). *Trabalho e Cidadania*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 123-162.
- Cabral, M. V. (2008a). “Efeito metropolitano e cultura política: novas modalidades de exercício da cidadania na metrópole de Lisboa”. In M. V. Cabral, F. C. da Silva e T. Saraiva (orgs.). *Cidade & Cidadania: governança urbana e participação cidadã*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 213-241.
- Cabral, M. V. (org.) (2008b). *Sucesso e insucesso: escola, economia, sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: Serviço de Educação e Bolsas.
- Cabral, M. V. (2009). Civic and political participation: a new cultura shift? – evidence from 12 countries. Unpublished paper presented at the 21st IPSA World Congress, Santiago de Chile.
- Cabral, M. V. & L. Schmidt (coord.) (2009). *Qualidade de Vida e Governança na Cidade de Lisboa – Estudo Sobre as Bases para um Novo Modelo de Governança da Cidade de Lisboa*, Lisboa: Relatório de Trabalho.
- Cornwell, B., E. O. Laumann, et al. (2008). "The Social Connectedness of Older Adults: A National Profile." *American Sociological Review* 73: 185-203.
- Delhey, J. and K. Newton (2005). "Predicting cross-national levels of social trust: global pattern or Nordic exceptionalism?" *European Sociological Review* 21: 311-327.
- Elias, N. (2008). *Solidão dos Moribundos – Seguindo de Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Eurostat (2010). *City statistics - Urban Audit* [Online]. Eurostat, Actual. 27-09-2010. Disponível em <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/>
- Fonseca, A. M. (2005). “O envelhecimento bem-sucedido”. In C. Paúl & A. M. Fonseca (Coords.), *Envelhecer em Portugal. Psicologia, Saúde e Prestação de Cuidados* (pp. 281-311). Lisboa: Climepsi.

- Garcia, O. & J. Sécio (2007), Para uma análise tipológica do movimento associativo: estudo diagnóstico das associações culturais e recreativas na cidade de Lisboa, *OBS: Boletim do Observatório das Atividades Culturais*, n.º 15.
- Gray, A. (2009). "The Social Capital of Older People." *Ageing & Society* 29: 5-31.
- Healthy Ageing Project (2007). *Healthy Ageing: A Challenge for Europe*. Stockholm: Swedish National Institute of Public Health.
- INE (2004). *Projeções de População Residente, Portugal e NUTS II - 2000-2050*. INE. (Destaque - Informação à Comunicação Social, 31-03-2004).
- INE (2010). *Estimativas Anuais da População Residente* [Online]. INE, Actual. 31-05-2010. Disponível em <http://www.ine.pt/>
- INE (2011). *Estimativas Anuais da População Residente* [Online]. INE, Actual. 07-06-2011. Disponível em <http://www.ine.pt/>
- Kanström, L., et al. (Eds.) (2008). *Healthy ageing profiles: Guidance for producing local health profiles of older people*. Copenhagen: WHO Europe.
- Kohli, M., K. Hank, et al. (2009). "The social connectedness of older Europeans: patterns, dynamics and contexts." *Journal of European Social Policy* 19(4): 327-340.
- Machado, P. (2004). *As malhas que a (c)idade tece. Mudança social, envelhecimento e velhice em meio urbano*. Lisboa: FCSH/UNL. Tese de doutoramento.
- Novo, R. F. (2003). *Para Além da Eudaimonia: O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- OMS (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Mundial de Saúde, OPAS/Organização Pan-Americana da Saúde. Tradução brasileira de: WHO (2002). *Active Ageing: A Policy Framework*. Geneva: WHO. (WHO/NMH/NPH/02.8).
- OMS (2009). *Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas. Fundação Calouste Gulbenkian*. Tradução portuguesa de: WHO (2007). *Global Age-friendly Cities: A Guide*. WHO.
- Pichler, F. and C. Wallace (2007). "Patterns of Formal and Informal Social Capital in Europe." *European Sociological Review* 23: 423-435.
- PRB (2010). *2010 World Population Data Sheet* [Online]. Washington DC: PRB/Population Reference Bureau, 2010. Disponível em: www.prb.org
- Ritsatakis, A. (Ed.) (2008). *Demystifying the myths of ageing*. Copenhagen: WHO Europe.

- UN (1991). *United Nations Principles for Older Persons*. UN General Assembly, Resolution 46/91. Disponible em <http://www.un.org/documents/ga/res/46/a46r091.htm>
- UN (2002). *Report of the Second World Assembly on Ageing*, Madrid, 8-12 April 2002. New York: United Nations. (A/CONF.197/9).
- UN (2010). *World Population Ageing - 2009*. New York: United Nations, DESA/Department of Economic and Social Affairs, Population Division. (ST/ESA/SER.A/295).
- WHO (2002). *Active Ageing: A Policy Framework*. Geneva: WHO. (WHO/NMH/NPH/02.8).